

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

Raiza Drielle Dos Santos Bastos

A PRÁTICA DO AMOR: a relação ética em Søren Kierkegaard

SÃO LUÍS
2016

RAIZA DRIELLE DOS SANTOS BASTOS

A PRÁTICA DO AMOR: a relação ética em Søren Kierkegaard

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura plena em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Lima Amorim

SÃO LUÍS
2016

RAIZA DRIELLE DOS SANTOS BASTOS

A PRÁTICA DO AMOR: a relação ética em Søren Kierkegaard

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura plena em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Lima Amorim

Aprovada em ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Wellington Lima Amorim

Prof. Dr. Aldir Araújo Carvalho Filho

Prof. Dr. Jorge Miranda de Almeida

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a importância do conceito do amor enquanto prática para o pensamento ético em Kierkegaard. Para tanto, terá por início a análise da noção de indivíduo, contrapondo-a ao conceito de multidão e relacionando-a (a noção de indivíduo) a outros conceitos existenciais envolvidos nesta temática dentro do pensamento de Kierkegaard, tais como, eternidade, tarefa e abnegação. Neste sentido, este trabalho trata-se da formulação de uma possível ética em Kierkegaard, a partir do tornar-se indivíduo em relação de interdependência e em direção ao outro, esta (ética) que tem sua realização através da prática do amor, sempre em relação para com o outro. Esta ética que toma duas acepções no pensamento kierkegaardiano, a saber, a tarefa primordial do ser humano em tornar-se indivíduo, realizando sua interioridade, e a tarefa de colocar-se para o outro, pois de nada adianta tornar-se indivíduo se não houver o transbordamento do si mesmo em direção ao outro.

Palavras-chave: Indivíduo, Eternidade, Ética, Amor, Kierkegaard.

ABSTRACT

This present study aims to analyze the importance of the love conception as practice for ethical thought in Kierkegaard. In this manner, will have for beginning the analysis of the individual notion, in contrast to the concept of crowd and relating it (the individual notion) to other existential concepts involved in this subject within the Kierkegaard thought, such as eternity, task and abnegation. Thus, this work treats the formulation of a possible ethics in Kierkegaard, from becoming individual, interdependence and towards each other, the ethics that has its realization through the love practice, always in relation to each other. This ethic who has two meanings in Kierkegaardian thought, namely, the primary human task being to become individual, performing his interiority, and the task of putting to the other because there is no point become individual there to be not the overflowing of itself toward the other.

Keywords: Individual, Eternity, Ethics, Love, Kierkegaard.

Sumário

INTRODUÇÃO	6
1 O TORNAR-SE INDIVÍDUO	9
1.1 A superação da multidão.....	9
1.2 A relação da interioridade com a eternidade.....	13
1.3 A existência ética	18
1.3.1. <i>A fundamentação pela fé</i>	18
1.3.2. <i>A tarefa ética: a autenticidade do existir</i>	23
2 A PRÁTICA DO AMOR	26
2.1 O amor poético (ou amor natural) e o amor enquanto dever: diferenciações.....	26
2.2 O tu e o próximo: a ação na prática do amor	32
2.3 O amor ético.....	39
2.3.1 <i>A edificação através do amor</i>	39
2.3.2 <i>Ser para outro</i>	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

INTRODUÇÃO

Kierkegaard, apesar de não ter vivido tanto, foi um filósofo que construiu uma obra extensa e um tanto controversa, principalmente por conta da utilização de pseudônimos, abrindo espaço para tanta especulação em sua obra. Há quem defenda que o que foi dito por meio de pseudônimo não deva ser levado em consideração como sendo o pensamento de Kierkegaard, porém ele mesmo diz¹, que toda a sua obra, tanto veronímica quanto pseudonímica, convergem para um único ponto, a saber, a questão do indivíduo. Kierkegaard dentro de sua época vivenciou problemas que o fizeram atentar para a individualidade humana e sua relação ética para com o outro.

A filosofia da qual ele fazia leitura, assim como o cristianismo presente na sociedade dinamarquesa, faziam do ser humano, segundo o filósofo, um ser totalmente desvinculado de seu espírito, isto é, um ser que estava cada vez mais longe de si e conseqüentemente de sua base ontológica. Para Kierkegaard a filosofia e seus conceitos vazios não atentava para a existência individual de cada ser humano, o que não se diferenciava muito da religião, que se tratava de algo totalmente externo e que não trazia responsabilidade para o indivíduo, pois naquela época (referindo-se ao século XIX, onde o luteranismo predominava na sociedade dinamarquesa), bastava nascer em um Estado que aderiu à religião para ser considerado religioso; o Estado luterano que era a Dinamarca tornava os seus cidadãos cristãos.

É diante deste cenário que Kierkegaard se faz ouvir enquanto corretivo². Sua pretensão enquanto filósofo (ou pensador dialético, pois o próprio não se tinha na cota dos filósofos) era desinstalar a soberania racional pregada desde muito nas sistemáticas filosofias racionais, permeadas de conceitos vazios, e demonstrar a existencialidade, que segundo ele foi perdida – ou mesmo nunca vivenciada – no cristianismo estatal de sua época. É nessa existencialidade, falando contra os conceitos racionais vazios, que Kierkegaard empreende a sua noção de indivíduo.

Debruçando-se sobre a História da filosofia vê-se o indivíduo sendo tratado apenas como o sujeito de conhecimento, este que busca apreender o mundo, como nos diz Hegel: “*o indivíduo encontra a forma já preparada*” (HEGEL, 1980). A existência humana embora seja um grande problema com o qual a filosofia lida, geralmente foi abordada pelo viés epistemológico, por meio de teorias que fazem grande uso de abstração a que parecem

¹ Cf. Søren Kierkegaard, Ponto de vista explicativo de minha obra de escritor, 1859. Capítulo 1.

² Cf. Ricardo Quadro Gouvêa, *Paixão pelo Paradoxo*, 2006. pág. 124.

desprendê-las do indivíduo. Recorrendo novamente a Hegel têm-se a “*substância do indivíduo*” (HEGEL, 1980. p.18), tida como o próprio espírito do mundo³, que aponta para a objetividade universal e que se eleva até a abstração. Este tom obscuro sofreu críticas de Kierkegaard justamente por esse afastamento da existência individual, que foi o cerne da sua filosofia.

Kierkegaard põe a concepção de indivíduo em movimento para demonstrar a existência como apropriação, isto é, o indivíduo que enquanto existe está em um constante tornar-se, a partir da vivificação desta existência e sua relação com o outro, apropriando-se de sua própria existência. Ou seja, é necessária a autenticação da existência por meio da vivência de cada um, através da interioridade. Não há uma substância a priori que sistematiza a existência do indivíduo, mas, todo este movimento deve partir da vontade de cada um, em vivificar o seu existir. Este movimento da interioridade, não é de fácil realização, dado que o ser humano está ocupado no mundo com as exigências da diversidade. Encontra-se no “*dever*”, mudando de acordo com as possibilidades que lhe são oferecidas pela liberdade, buscando atingir sua satisfação própria, ou seja, volta-se para si. Desta forma, em um primeiro momento, não é possível se pensar em uma ação que leve em conta a ideia do outro, aparentemente não é possível a concretização ética. Porém a questão da moralidade faz parte da sociedade humana à medida que esta é feita de relações.

Neste ponto, Kierkegaard introduz o amor enquanto dever. O amor na verdade não consiste em nada exterior, pois toda existência está assentada nele e só será concretizada enquanto existência autêntica se o indivíduo agir a partir dele. Mas a noção de amor enquanto dever, precisa ser colocada, pois as noções humanas de amor não chegam perto de encará-lo enquanto dever. Kierkegaard não faz um tratado ético ao explanar sobre o amor, o que ele faz é colocá-lo como a relação mais autêntica que um indivíduo pode empreender para outro. No presente trabalho, tem-se enquanto objetivo discorrer acerca do amor em Kierkegaard. Para tanto, adota-se como início a concepção do pensador acerca do indivíduo, pois é de onde emana todo o seu pensamento existencial.

É necessária a fundamentação da vida do indivíduo na eternidade para que a existência seja autêntica, original. O indivíduo em concordância consigo mesmo, extraindo a lei de sua interioridade, firmando sua vida na eternidade, se põe mais próximo de uma relação íntima com o outro. O outro que, mesmo sendo o diferente, é encarado como próximo,

³ Cf. Friedrich Hegel, A fenomenologia do Espírito, 1980. p. 18

semelhante, pois a igualdade está em cada ser humano como possibilidade de estabelecer a relação interior com a eternidade, com Deus.

Assim, o amor aparece como a ligação de todo esse movimento: o indivíduo consigo mesmo e com o outro, pois todo o sentido de tornar a si próprio, é colocar-se imediatamente na tarefa de ser para o outro. Esta condição só o amor pode possibilitar. Sendo assim, pretende-se delinear de que maneira ocorre a fundamentação da existência na interioridade e de que maneira isso está relacionado com o amor, em sua construção ética, para em seguida ser apontado o que este fato proporciona à vida do existente, como não poderia deixar de ser, em uma filosofia da existência.

1 O TORNAR-SE INDIVÍDUO

1.1 A superação da multidão⁴

De início considera-se importante delinear por qual problemática o texto passará. Desta forma, elencam-se alguns problemas que servirão de guia para a presente pesquisa, a saber, “O que é a multidão para Kierkegaard? ”, “Quais implicações ela traz para a vida do indivíduo? ”, “Há a necessidade de superação do conceito de multidão no pensamento de Kierkegaard, e por quê? ”. O texto que segue é uma tentativa de compreensão desses questionamentos, e de forma gradativa, será feita a tentativa de elucidá-los.

Kierkegaard constrói seu pensamento enfatizando o indivíduo concreto, e justamente por isso, ele despreza a multidão, que é o oposto da esfera subjetiva. Sendo assim ele priorizou a existência enquanto instância singular. A categoria do Indivíduo é decisiva em sua obra, e faz oposição a noção da multidão. Essas categorias são contrárias entre si, pois enquanto a categoria do indivíduo trata do ser humano enquanto existente singular, consciente de si, a instância da multidão apresenta o ser humano diluído na ideia geral da “humanidade”, ocupado com exigências mundanas, cultivando as diferenças e afastando-se da consciência de si. Kierkegaard diz:

Tornar-se multidão, reunir à sua volta a multidão, é pelo contrário à diversidade da vida; mesmo quem disso fala com as melhores intenções corre facilmente o risco de ofender o Indivíduo. Mas a multidão reencontra então o poder, a influência, a consideração e a soberania – e é também a diferença da vida que, soberana, despreza o Indivíduo como sendo o fraco e o impotente e que, no plano temporal e mundano, despreza a verdade eterna que é o Indivíduo. (KIERKEGAARD, 1859. P. 117 – 118)

Somente no âmbito individual o ser humano pode buscar vivenciar uma vida autêntica, baseada em uma verdade que fala com a sua subjetividade, isto é, só o indivíduo pode realizar-se, e a esfera particular é o lugar para isso. Os humanos que a multidão abarca são transformados em *masse*⁵ à medida que estes renunciam a possibilidade de tornarem-se indivíduos e vivem na impessoalidade da diversidade mundana, no rebanho⁶, pois nesta instância não se encontra “*ninguém*”⁷. Isto é, nesta instância o ser humano está isento de

⁴ Cf. O artigo de Valdinei Caes, intitulado A Concepção de Indivíduo Segundo Kierkegaard.

⁵ Cf. Søren Kierkegaard, Ponto de vista explicativo de minha obra de escritor, 1859. p. 123

⁶ Cf. Søren Kierkegaard, O desespero humano, 1979. p. 206

⁷ Cf. Søren Kierkegaard, Ponto de vista explicativo de minha obra de escritor, 1859. p. 115

responsabilidade, pois “*a multidão, é a mentira; porque, ou ela provoca uma total ausência de arrependimento e de responsabilidade, ou pelo menos, atenua a responsabilidade do indivíduo*” (KIERKEGAARD, 1859. p. 113).

Na mundanidade – aqui este termo é tomado como sinônimo de multidão, dado que as exigências do mundo são responsáveis pelo afastamento da interioridade – o ser humano cultiva as diferenças e desta maneira, não constrói a fundamentação sólida de sua existência. Kierkegaard questiona a mundanidade: “*Quando o sujeito super ocupado gasta o seu tempo e sua força ao serviço de empreendimentos passageiros e vãos, não será porque ele não aprendeu a se amar a si mesmo da maneira certa?*”. (KIERKEGAARD, 2012. p. 38-39) O âmbito exterior é o lugar da dispersão, e esse questionamento de Kierkegaard revela que para ele a multidão não possibilita ao indivíduo a relação consciente consigo próprio. A multidão até pode revelar-se de grande valia para fins temporais, mas quando se trata do eterno – e toda obra de Kierkegaard volta-se fundamentalmente para esta categoria – ela não tem força determinante:

Talvez o melhor é absorver de uma vez por todas – e isto é evidente e nunca neguei – que, acerca de todos os fins temporais, terrestres e mundanos, a multidão pode ter o seu valor e até decisivo, como instância. Mas não é disso que eu falo, nem me ocupo. Falo do ético, do ético-religioso, da Verdade; digo que, do ponto de vista ético-religioso, a multidão é a mentira, se dela se pretende fazer a instância que julga acerca do que é a Verdade. (KIERKEGAARD, 1859. p.111).

A multidão refere-se àqueles homens que agem através do número, o que segundo Kierkegaard revela a covardia, pois, “*todo homem que se refugia na multidão (...) foge assim covardemente à condição do Indivíduo*” (KIERKEGAARD, 1859. p. 113). Kierkegaard traz a luz o processo de massificação que a vivência na multidão ocasiona. O homem do Estado é um cidadão a mais, o homem da política, mais um homem a serviço do Estado, isto é, o homem é só mais um número no seio da multidão, pois, “*a partir do momento em que agem pelo número, tornaram-se multidão, a multidão*”. (KIERKEGAARD, 1859. p.112) A massificação não possibilita o pensamento subjetivo, o indivíduo não cultiva a si, não toma consciência da “*eternidade*”; sua conduta é pautada em generalizações, pois esta categoria não possui “*força para defender uma ideia*”. (KIERKEGAARD, 1859. p. 59). As ocupações mundanas distanciam o indivíduo de seu sentido espiritual. Desta forma, ele “*adquire uma aptidão sem fim para ser bem visto em toda a parte, para se elevar na sociedade*”. (KIERKEGAARD, 1979. p. 210) O ser humano passa a agir tendo como exigência a confusão exterior, o social:

A contemplar as multidões à sua volta, a encher-se com ocupações humanas, a tentar compreender os rumos do mundo, este desesperado esquece-se a si próprio, esquece

o seu nome divino, não ousa crer em si próprio e acha demasiado ousado sê-lo e muito mais simples e seguro assemelhar-se aos outros, ser uma imitação servil, um número, confundido no rebanho. (KIERKEGAARD, 1979. p. 210).

Essa esfera exterior que é a multidão não permite decisão ou escolha por parte de cada ser humano, pois se encontra construída sobre generalizações ou conceitos tidos como universais (aplicáveis a todos), desta forma não abrindo espaço para o singular. Na moralidade os preceitos que guiam a ação já estão estabelecidos, nas religiões existem as certezas, cabendo ao indivíduo somente a adesão. Na multidão não há espaço para a subjetividade humana, pois o indivíduo não lida com a sua interioridade, o que é fundamentalmente não ser consciente de si. Uma vida sem consciência é uma vida que não se fixa, não tem um fundamento que a determina, pois tem como orientação o exterior, aquilo para o qual a multidão diz sim, aquilo que a massa aprova, aquilo que o Estado determina. Nesse meio não há a decisão, o indivíduo não escolhe, não lida com sua estrutura espiritual. Conforme diz Kierkegaard:

Todos nós somos uma síntese com uma finalidade espiritual, essa é a nossa estrutura; mas quem não prefere habitar a cave, as categorias do sensual? O homem não só prefere viver nelas, mas amá-las a tal ponto que se zanga, quando lhe propõe o primeiro andar, o andar nobre, sempre vago e esperando-o – porque afinal toda a casa lhe pertence. (KIERKEGAARD, 1979. p. 217).

Desta forma é possível perceber que dentro dessa instância (multidão) o indivíduo torna-se passivo, isto é, vive no imediato do mundo, sem dar-se conta de que seu eu tem uma composição além dessa constituição exterior;⁸ prefere viver na categoria do sensual e não lida (muitas vezes nem descobre) sua categoria espiritual. Este homem passivo que vive no imediato é inconsciente de sua interioridade, o que torna a vida inautêntica. É um ser que não age de acordo com sua interioridade, pois *“o homem do imediato (...) só se reconhece um eu (...) na sua vida exterior. Não seria possível encontrar equívoco mais ridículo; visto que, precisamente, é infinita a diferença entre o eu e o exterior”*. (KIERKEGAARD, 1979. p. 223).

O homem do imediato não tem a paciência para descobrir a sua verdade subjetiva. O imediato não busca a profundidade, por isso o homem que vive nele é superficial, não tem uma noção de reflexão interior, o que faz dele um ser apático frente à vida, não indaga as certezas, servindo apenas ao exterior, não indo além da finitude. Kierkegaard faz de sua obra a expressão existencial de sua vida interior, com todo seu desespero, angústia e paixão. Seu pensamento é uma comunicação existencial, ainda que de forma indireta, como acontece nos casos de pseudônimos, mas sua obra não deixa de falar à força interior.

⁸ Cf. Søren Kierkegaard, O Desespero Humano, 1979. p. 223

A obra de Kierkegaard é um apelo para a subjetividade, para que através dela o indivíduo possa apropriar-se da existência, e a partir daí firmar sua relação com o outro, ou seja, “*ele quis dizer que a verdade deve ser experimentada interiormente, ou apropriada se é que ela é, de fato, verdade para mim*”. (GOUVÊA, 2006. p. 153). Seu pensamento é um chamado para o despertar do espírito, para que o ser humano tenha uma relação consciente com sua existência. Subjetividade está colocada aí como interioridade. Para Kierkegaard a vida para ser vivida de forma digna, autêntica deve tratar-se de uma decisão subjetiva, isto é, o indivíduo opta por aquilo que faz sentido a si, que fala para si, que tem significado em sua vida, e que será assumido na existência. Portanto, refere-se ao homem ativo, que escolhe e que age de acordo com sua consciência. Subjetividade em Kierkegaard diz respeito à decisão que implica em uma vivência: o Indivíduo nascendo para si, através de decisões feitas pela sua interioridade, assumindo todo o risco das consequências, pois é um indivíduo consciente, que toma conta e relaciona-se com a sua instância espiritual.

O ser humano vive na liberdade e esta é a grande dificuldade para que ele possa tornar-se o Indivíduo. A liberdade é o puro possível onde o homem encontra-se diluído na indeterminação. Desta forma, o ser humano não se sente impelido ou obrigado a relacionar-se consigo posto que o exterior lhe faz exigências que o distanciam da interioridade. Eis a necessidade para realizar a superação da multidão para que o Indivíduo possa surgir. Esse surgimento é o nascimento para si mesmo, e não é tão fácil de realização. Angústia e desespero estão colocados na condição humana, como fatores que revelam a necessidade de uma atualização da existência.

A angústia surge justamente da indeterminação do ser, que está aberto as possibilidades no devir e assim não encontra sua unificação. O desespero corresponde à maneira com que o ser humano lida com sua constituição espiritual, pois “*desespero é a discordância interna*”. (KIERKEGAARD, 1979. p. 197) O ser humano é “*uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade*” (KIERKEGAARD, 1979. p.194). Portanto, a condição humana é de uma complexidade que requer vontade para consigo próprio. É necessária uma profundidade que se configura como voltar-se para sua interioridade, para que possa ser estabelecida a concordância. Cabe ao ser humano querer tornar-se o “Indivíduo”, por isso é uma decisão estritamente singular, pois essa escolha só pode ser realizada pela subjetividade. O processo de tornar-se indivíduo é uma possibilidade que poderá (ou não) ser assumida pela liberdade de cada um:

A multidão compõe-se, de fato, de Indivíduos; deve estar, portanto, ao alcance de cada um tornar-se no que é, um Indivíduo; absolutamente ninguém está excluído de

o ser, excepto quem se exclui a si próprio, tornando-se multidão. (KIERKEGAARD, 1859. p. 117).

Realizar o seu destino espiritual é, portanto, a tarefa suprema de cada indivíduo dentro da existência. Destino aí não é colocado com a intenção de afirmar que há um determinismo que envolve este movimento, pelo contrário, como já foi visto aqui, o ser humano é encerrado na liberdade e sua ação é uma decisão livre. A multidão deve ser ultrapassada, pois quando trata-se do ético, a instância necessária é a individual, o indivíduo consigo mesmo, agindo e responsabilizando-se por si e pelo outro. O problema aqui, é saber de que maneira cada ser humano poderá tornar-se esse indivíduo que traz em si, dado que no mundo a espiritualidade não é importante. Nas palavras do pensador dinamarquês:

A reflexão de quase toda gente prende-se sempre às nossas pequenas diferenças, sem que, naturalmente, se dê conta da nossa única necessidade (porque a espiritualidade está em dar-se conta dela), por isso nada percebem dessa indigência, dessa estreiteza, que é a perda do eu, perdido não porque se evapore no infinito, mas porque se fecha no finito, e porque em vez dum eu se torna um número, mais um ser humano, mais uma repetição dum eterno zero. (KIERKEGAARD, 1979. p. 210).

Desta maneira, é necessária a superação da multidão, logo da mundanidade, para que a vida do indivíduo seja uma existência pautada na originalidade⁹. Segundo Kierkegaard, é o *instante*¹⁰ que possibilita ao indivíduo a tomada da consciência de sua condição de mundanidade e é o decisivo para o surgimento da eternidade na vida do indivíduo. No subcapítulo seguinte, esboça-se o Indivíduo em sua forma mais essencial, que é interioridade (ou espírito) e eternidade.

1.2 A relação da interioridade com a eternidade

Para Kierkegaard a multidão não pode ser tomada como critério para realizar julgamento ético e por conta disso deve ser ultrapassada. Agora, se faz uma tentativa de demonstrar de que forma poderá ocorrer essa superação, ou seja, como cada ser humano poderá vir a ser o Indivíduo que tem potencialmente em si, dado que superar a multidão é buscar assumir-se enquanto Indivíduo. A noção de Indivíduo é basilar no pensamento kierkegaardiano para afirmar a responsabilidade de cada humano por si próprio e pelo outro, além de possibilitar a negação da universalidade que massifica o homem.

O Indivíduo vai contra a multidão que é a mentira e por isso não pode ser tomada como referência em questões éticas, e em favor da autenticidade, estabelecendo a relação com

⁹ Cf. Søren Kierkegaard, O Desespero humano, 1979. p. 210

¹⁰ Cf. Søren Kierkegaard, Migalhas filosóficas, 1995. p. 38

a eternidade pautada na singularidade de cada um. Ao falar do Indivíduo em Kierkegaard, deve-se pensar sua teoria como uma antropologia, atentando-se para o que ele diz acerca da condição humana. O ser humano está submerso no imediato, mas devido sua constituição primária de síntese, ou melhor, de possibilidade desta, sente-se impelido à um conhecimento profundo de si para que possa surgir a concordância interna. Na obra *Desespero humano* Kierkegaard fala sobre a constituição humana:

O homem é espírito. Mas o que é espírito? É o eu. Mas, nesse caso, o eu? O eu é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas consigo própria. Mais e melhor do que na relação propriamente dita, ele consiste em no orientar-se dessa relação para a própria interioridade. O eu não é a relação em si, mas sim o seu voltar-se sobre si própria, o conhecimento que ela tem de si própria depois de estabelecida. (KIERKEGAARD, 1979. p. 195)

A condição para que o eu seja estabelecido é a relação do ser humano consigo próprio, isto implica dizer que para tornar-se Indivíduo é necessária uma noção de profundidade que se configura como o voltar-se para a interioridade. Percebe-se assim que o tornar-se indivíduo põe a subjetividade em movimento, partindo do imediato visando a interioridade. O tornar-se indivíduo é uma tarefa executada à medida que o ser humano encontra-se na mundanidade lançado à sua diversidade, experimentando-se enquanto não-ser, pois esta é a sua condição no devir, condição de liberdade, assumindo ou não as possibilidades.

Esta liberdade faz com que a existência humana seja *nadificada* (KIERKEGAARD, 1995. p.106), e imprime no indivíduo a contingência, pois, à medida que este ser tem perante si a pura possibilidade e torna-se algo deste possível, continua como não-ser, posto que aquilo que se tornou (possibilidade assumida), não é mais necessário do que as possibilidades que não foram efetivadas¹¹. Desta maneira, a condição que o indivíduo tem em si é um constante tornar-se, vir-a-ser. O *tornar-se* implica assumir um movimento perene de conquista de si através do ato livre e volitivo,¹² pois a decisão só poderá ser adotada por cada pessoa na sua individualidade, é a decisão existencial que implica “*dar um passo em direção a uma esfera vital ou estágio diferente, um estilo de vida diferente, um paradigma diferente, um Telos diferente, em suma, uma existência diferente que é uma nova criação.*” (GOUVÊA, 2006. p. 162).

Apesar da liberdade que cada ser humano encerra o indivíduo não se constitui por si próprio a partir do nada, mas há uma condição específica humana que tem como tarefa realizar a pessoa concreta. O ser humano sentirá o apelo desta condição, pois é o seu “*destino*

¹¹ Cf. Søren Kierkegaard, Migalhas filosóficas, 1995. p. 106.

¹² Cf. Ricardo Quadros Gouvêa, Paixão pelo Paradoxo. 2006. p. 162

espiritual” que pulsa. Devido à liberdade, poderá optar em relacionar-se ou simplesmente ignorar essa condição, neste último caso, determinando o desespero, que segundo Kierkegaard trata-se da *“inconsciência em que os homens estão do seu destino espiritual”*. (KIERKEGAARD, 1979. p. 205). É necessário ter *“em si suficiente profundidade para tomar consciência do seu destino espiritual”*¹³ e empreender o dever do indivíduo. Esta profundidade é a consciência da existência em toda sua seriedade; sentir e responder às exigências do espírito.

Para Kierkegaard, quanto mais consciência um ser humano tem de si, mais ele lida com a sua interioridade e mais Indivíduo ele torna-se, pois, *“a consciência interior, é o fator decisivo”* (KIERKEGAARD, 1979. p. 207). A consciência de si revela toda a condição humana e é o início do processo pelo qual o Indivíduo poderá surgir:

Quanto mais consciência houver, tanto mais eu haverá; pois que, quanto mais ela cresce, mais cresce a vontade, e haverá tanto mais eu quanto maior for a vontade. Num homem sem vontade, o eu é inexistente; mas quanto maior for a vontade, maior será nele a consciência de si próprio. (KIERKEGAARD, 1979. p. 207).

É a subjetividade que está em movimento nesse processo porque para que a ação aconteça é imprescindível à vontade de cada um. Tornar-se indivíduo configura-se assim como uma tarefa existencial pois é a vida de cada ser humano que está colocada nesse processo; é a subjetividade que assume ou não esse movimento de interioridade, de acordo com a vontade. A subjetividade viva, que é interioridade assumida, pode elevar o homem da mundanidade ou das *“categorias sociais”*¹⁴ para *“à consciência da sua individualidade”*¹⁵ para que assim apreenda e viva a eternidade. A categoria do indivíduo está inserida em Kierkegaard no âmbito da verdade, pois *“quando se trata de um homem isolado, há que exprimir a verdade, respeitando a condição humana”* (KIERKEGAARD, 1859. p. 114), que para o autor, trata-se da verdade eterna. Tornando-se indivíduo, o ser humano inicia sua relação com a eternidade, sua base ontológica, e somente a partir daí, segundo Kierkegaard, pode-se falar de uma vida humana autêntica. Para o filósofo:

(...) pois a maneira de considerar a vida que o Indivíduo representa é justamente a verdade. Não pode ser transmitida nem recebida senão sob o olhar de Deus, a não ser pelo auxílio de Deus, que é o intermediário, tal como é a Verdade. Só pode, pois, ser transmitida e recebida pelo Indivíduo que, no fundo, poderia ser cada um dos vivos; a verdade não se determina senão opondo-se ao abstracto, ao fantástico, ao impessoal, à multidão, ao público que exclui Deus como intermediário (...). (KIERKEGAARD, 1859. p.116).

¹³ Cf. Søren Kierkegaard, Desespero humano, 1979. p. 206

¹⁴ Cf. Søren Kierkegaard, Ponto explicativo de minha obra como escritor, 1859. p. 123.

¹⁵ Idem

Dando espaço para que a interioridade se manifeste, o homem está negando a multidão, assim opondo-se à passividade, emergindo do imediato, desejando alcançar a sua verdade de Indivíduo que segundo Kierkegaard é orientada pela verdade eterna. Assim a eternidade é colocada como instância necessária para a realização do Indivíduo. Essa categoria é contrária à diversidade mundana e em Kierkegaard, possibilita ao indivíduo a noção de espiritualidade, fazendo o homem transcender da animalidade (das categorias do sensual) permitindo a realização da síntese.

O indivíduo que realiza sua espiritualidade é aquele que dentro da temporalidade, da mundanidade, abre espaço para a eternidade. É sim transcendência, mas não metafísica apartada da vivência do indivíduo que a realizou. Do contrário, trata-se de uma ação existencial, na vida do indivíduo real, que optar por manter a relação com sua espiritualidade. Assim, o ser humano passa a agir em sua existência de acordo com sua consciência. Para ele sua vida será feita de decisões que lhe colocam como o Indivíduo, que para Kierkegaard tem a seguinte acepção: *“O indivíduo compreendido, não no sentido da distinção ou do talento especial, mas no sentido em que todo o homem, sem exceção, o pode e deve ser, deve pôr a sua honra em ser um Indivíduo, e nisso encontrará verdadeiramente a sua felicidade”*. (KIERKEGAARD, 1859. p. 124).

O indivíduo na sua mais profunda relação consigo mesmo e com a eternidade. Que toma consciência da possibilidade que tem em si, de colocar sua subjetividade em ação. Gouvêa (2006), diz que o pensamento kierkegaardiano é pressuposicional, ou seja, *“para que a mente humana possa conhecer realmente qualquer fato, ela deve pressupor a existência de Deus e o projeto de Deus para o universo”*. (p. 205) Porém, mais do que o pressuposto no pensamento kierkegaardiano, Deus é o fundamento, pois a partir daí deve-se edificar a existência. A edificação na obra de Kierkegaard é de suma importância pois, para tornar-se Indivíduo é preciso ter uma base solidificada para firmar sua existência. O indivíduo necessita concretizar-se e segundo Kierkegaard isso ocorrerá somente quando o indivíduo edificar sua vida, ou seja, é necessário *“que o trabalho seja feito desde o fundamento”*. (KIERKEGAARD, 2012. p. 242)

O existir humano será autêntico quando for consciente de sua base ontológica, esta por sua vez, que é o vínculo que cada humano possui com a eternidade. É através da interioridade que o ser humano pode assegurar-se na eternidade; afirma Kierkegaard, *“orientando-se para si próprio, querendo ser ele próprio, o eu mergulha, através da sua própria transparência, até o poder que o criou”*. (KIERKEGAARD, 1979. p. 196). Deste modo, a relação com a eternidade diz respeito a constituição espiritual do homem, isto é, o

homem toma consciência de ser uma síntese e a partir daí, relaciona-se com essa condição. Mas não há, neste campo, algo dado. Trata-se de decisões feitas pelo indivíduo, afirmadas por sua interioridade. Um mergulho em si afirma o indivíduo que se é, pois, “*a necessidade da solidão revela sempre a nossa espiritualidade, e serve para dar a sua medida*”. (KIERKEGAARD, 1979. p. 230).

O Indivíduo: é a categoria do espírito, do despertar do espírito, tão oposta quanto possível à política. A recompensa terrestre, o poder, a glória, etc., não se encontram ligadas ao seu uso correcto; porque, ainda que utilizada no interesse da ordem estabelecida, a interioridade não interessa ao mundo; e menos ainda quando dela se faz um uso catastrófico; pois, suportar sacrifícios, ser sacrificado, o que decorre necessariamente da sua recusa de passar por um poder material, tudo isso não interessa ao mundo. (KIERKEGAARD, 1859. p. 128).

Tornar-se indivíduo avança através das decisões que geralmente são tidas por insignificantes. É necessária a solidão, estar no mundo frente a si próprio, agir através da subjetividade, isto é, ter consciência de cada ato e responsabilizar-se por eles. O mundano exige que seja um “*homem cultivado, casado, pai de família, um funcionário com futuro, um pai respeitável, de comércio agradável, muito tenro para sua mulher, e para os seus filhos a solicitude em pessoa*”¹⁶, enfim o ser que se encerra no finito, para ser considerado como o indivíduo na mais perfeita existência.

Para Kierkegaard essa existência não será autêntica caso estiver fundamentada em outra base que não seja a estrutura ontológica que todo humano tem em si. É importante ressaltar que existe a universalidade no pensamento de Kierkegaard, que é justamente a estrutura ontológica que os seres humanos partilham em comum. Porém, cada indivíduo relaciona-se com ela de acordo com sua subjetividade, tendo essa um caráter volitivo, na medida em que o indivíduo poderá decidir por si próprio de que maneira tomará a existência para si.

A universalidade em Kierkegaard, não dilui o ser humano em uma idealidade geral, pelo contrário exige apropriação por parte de cada um para se ter a verdade. Para Kierkegaard, só há verdade na eternidade, e essa instância é crucial para a prática da ética, pois está só é possível de realização, na perspectiva kierkegaardiana, a partir da instauração do indivíduo. Dito de outra maneira, quando o ser humano se assegura na eternidade, pois isso de tornar-se indivíduo é relacionar-se com o eterno, sua ação estará fundada na verdade.

(...) é preciso compreender que a existência pessoal no plano ético é conforme ao que se diz e se exprime; e este é um aspecto que justamente o Sistema, o ensino *ex cathedra* e a nossa época sem carácter suprimiram com uma extrema injustiça. Sem dúvida, a vida do autor exprimiu com bastante exatidão o que estava marcado com o

¹⁶ Søren Kierkegaard, Desespero humano, 1979. p. 229

selo da ética, isto é, ser um Indivíduo; ele relacionou-se com inúmeras pessoas, mas esteve sempre só, travando assim a luta por estar só, enquanto à nossa volta quase tudo eram comissões instituídas, abolidas, demitidas. (KIERKEGAARD, 1859. p. 126)

Kierkegaard indica que sua vida foi a luta para tornar-se indivíduo, suas decisões foram originais, assumidas por sua subjetividade. O indivíduo começa consigo mesmo, ou seja, sua vida não é aquilo que se tem como instituído, que já está dado, pelo contrário é a vitalidade iniciando o original, “*essa originalidade na qual somos plenamente nós para nós próprios*”. (KIERKEGAARD, 1979. p. 210). A concordância interna não é ensinada nem transferida por meio de regras. Somente cada um por si poderá tomar consciência de sua interioridade a partir do anseio espiritual que exige a mudança da eternidade na vida humana.

Há uma estrutura originária que possibilita o surgimento do indivíduo, a partir da relação com a eternidade. Assim, no pensamento do filósofo dinamarquês, a ética não se trata somente da adesão às leis exteriores, mas diz respeito à concordância do pensamento com o discurso e a sua ação para com o outro. Quando o indivíduo está em concordância consigo e tem sua lei da existência extraída da interioridade, então, ele submete-se a transformação na eternidade. Nesta perspectiva, a ética somente é válida quando assegurada na eternidade em sua relação de interdependência com o outro, pois é nula a possibilidade de alteração desta, já que se tem a continuidade garantida na eternidade, que é aquilo que permanece. Para Kierkegaard, “*a interioridade incorruptível do homem que se oculta na fé é a própria vida*”. (KIERKEGAARD, 2012. p. 44). A relação da interioridade com a eternidade ocorre por meio da fé; é necessário submeter-se “*à mudança da eternidade*”¹⁷ para assegurar sua interioridade e espiritualidade.

1.3 A existência ética

1.3.1. A fundamentação pela fé

A ética em Kierkegaard tem como exigência a instauração do indivíduo. Trata-se da vivência que se realiza através da subjetividade, existência individual de cada ser humano. No entanto, a concepção ética vigente alega o contrário: é o geral, aquilo que já está instituído no exterior que deve ser tomado como fundamentação das ações:

A moralidade, em si, está no geral, e a este título é aplicável a todos. O que pode por outro lado, exprimir-se dizendo que é aplicável a cada instante. Repousa imanente

¹⁷ Søren Kierkegaard, As obras do Amor, 2012. p. 49

em si mesma, sem nada exterior que seja o seu *telos* sendo ela mesmo *telos* de tudo o que lhe é exterior; e uma vez que se tenha integrado nesse exterior não vai mais além. Tomado como ser imediato, sensível e psíquico, o Indivíduo é o Indivíduo que tem seu *telos* no geral; a sua tarefa moral consiste em exprimir-se constantemente, em despojar-se do seu caráter individual para alcançar a generalidade. (KIERKEGAARD, 1979. p.141)

A moralidade é instituída pelo geral, pela exterioridade. Ela traz sua inquisição ao indivíduo, “*por que agiste assim?*”¹⁸, e este deve estar sempre disposto a respondê-la. Deste modo, o homem para suprir a moralidade deve basear-se na exterioridade. Mas Kierkegaard põe sua filosofia frente à esfera da individualidade, fala do ser que se constrói em presença de si mesmo e do outro, e por isso supera a multidão, recorrendo à sua interioridade. Assim a ética Kierkegaardiana depende dessa instância primeira, a interioridade, distanciando-se do *telos* da generalidade. O indivíduo age de acordo com sua própria consciência. Em Kierkegaard a consciência trata-se da íntima relação da interioridade com a eternidade.

Em que medida Kierkegaard assegura seu pensamento ético tendo como *telos* a individualidade, frente à concepção ética vigente que defende a generalidade como o fator decisivo para a ação humana? É necessário compreender o que leva Kierkegaard a considerar o indivíduo como o princípio da ação. É importante definir a individualidade em Kierkegaard. Certamente não diz respeito a individualidade num sentido egoístico, que não sente necessidade da figura do outro; também não é da individualidade que se sente totalmente livre a ponto de não determinar sua ação em uma lei. A individualidade aqui trata-se da consciência interior que cada indivíduo traz em si, e da maneira como relaciona-se com esta assegurando a relação com o outro. Ao tratar da consciência, Kierkegaard a define como a relação íntima de cada ser humano com Deus:

[...] pois o relacionar-se com Deus é justamente ter consciência. Por isso um homem não poderia de jeito nenhum ter algo em sua consciência, se Deus não existisse, pois, a relação entre o indivíduo e Deus, a relação com Deus é a consciência, e por isso é tão terrível ter uma coisa, por ínfima que seja, em sua consciência, pois imediatamente se tem de aguentar juto com isso o peso infinito de Deus. (KIERKEGAARD, 2012. p. 170)

Desta maneira, é a consciência interior que deve fundamentar a lei do Indivíduo, pois esta seria o ponto comum da condição humana: a universalidade. Neste ponto, é crucial frisar que não se trata de uma universalidade herdada ou transmitida de homem para homem, mas daquela descoberta e exercida com a subjetividade. Portanto, universalidade singular na medida em que cada um tem de descobrir por si e em si e escolher relacionar-se com esta condição. Kierkegaard defende a transformação de cada ser humano em indivíduo e esse fator

¹⁸ Cf. Søren Kierkegaard, *Temor e tremor*, 1979. p. 144.

de seu pensamento atua de maneira decisiva em sua concepção ética, pois a existência ética só é possível através de duas categorias, o indivíduo e o outro, mesmo que seja preciso fundamentar toda a construção ética, na interioridade: *“o meu possível papel em ética relaciona-se incondicionalmente com a categoria de o Indivíduo”*. (KIERKEGAARD, 1859. p. 125) O outro não está desvinculado dessa relação, pois ele é imediato na existência.

Quando Kierkegaard põe a questão ética dependente da individualidade ele toma o tornar-se indivíduo como tarefa primordial a ser executada na vida do ser humano, pois o próprio tornar-se indivíduo é *“uma tarefa ética”*¹⁹ onde o ser humano está completamente responsabilizado por si mesmo e pelo outro. Pode-se elencar a principal razão pela qual a individualidade é defendida como telos dentro do pensamento de Kierkegaard. Para o indivíduo se adaptar à generalidade – como prega a concepção vigente da ética da qual Kierkegaard fala – seria necessário que ele *“despojasse de seu caráter individual”*²⁰. Isto acarretaria na questão da massificação/ multidão, onde o indivíduo acaba por diluir-se nas generalizações perdendo a responsabilidade, pois dentro dessa instância, guia-se por *“comissões instituídas, abolidas, demitidas”*²¹. Desta maneira, Kierkegaard aponta que a responsabilidade só é exercida pela individualidade, quando assumida como tarefa por si mesmo enquanto indivíduo.

Segundo o filósofo é na individualidade que se está mais próximo da verdade, pois ao tratar-se do *“homem isolado, há que exprimir a verdade”*²². Para Kierkegaard, a existência ética é justamente a existência autêntica, aquela que se pauta na verdade, ou seja, *“quando se fala de testemunha da verdade, é preciso compreender que a existência pessoal no plano ético é conforme ao que se diz e se exprime (...)”* (KIERKEGAARD, 1859. p. 126). Portanto, a existência ética é uma tarefa realizada pelo ser humano em seu caráter de indivíduo, e uma tarefa caracterizada como vivência diante do outro, realizada de fato na existência de quem a assumiu.

Se a existência ética é pautada na individualidade e o tornar-se indivíduo é a verdade que cada ser humano dispõe em si, pode-se apontar aí uma tarefa única, com duas direções, a ser realizada: no torna-se Indivíduo a consciência de si evolui e assim, mais autêntica torna-se a existência deste ser, e com a afirmação de si, de sua condição humana, a responsabilidade pelo outro surge em seguida, pois se está frente a igualdade humana. Então, a existência ética consiste no reconhecimento de sua individualidade para em seguida externa-se aos outros.

¹⁹ Cf. Søren Kierkegaard, Ponto de vista explicativo de minha obra de escritor, 1859. p. 130.

²⁰ Cf. Søren Kierkegaard, Temor e tremor, 1979. p. 141.

²¹ Cf. Søren Kierkegaard, Ponto de vista explicativo de minha obra de escritor, 1859. p.126.

²² Cf. Søren Kierkegaard, Ponto de vista explicativo de minha obra de escritor, 1859. p. 114

Assim, a ética válida é aquela que está assegurada na eternidade, pois é nula a possibilidade de alteração. A lei da interioridade para a vivência ética não é o que cada um pode decidir por si sem a preocupação com os outros, pelo contrário, há na eternidade o fator que deve determinar as ações dos indivíduos; também não advém da aceitação do que outros decidem para mim ou do que alguns decidem para todos:

O que é, em geral, uma lei, qual é a exigência da lei para um homem? Sim, cabe aos homens defini-lo. Quais homens? Aqui começa a dúvida. Dado que um homem não se encontra essencialmente acima do outro, eis que fica totalmente entregue ao meu arbítrio decidir em que me apoiarei da determinação do bem supremo, a não ser que eu mesmo, possivelmente de maneira mais arbitrária, pudesse estar em condições de encontrar uma nova determinação, e como propagandista conquistasse apoio para ela. Fica igualmente entregue ao meu arbítrio assumir hoje uma coisa como sendo a exigência da lei, e amanhã uma outra coisa. (KIERKEGAARD, 2012. p. 140).

Assim a lei ética em Kierkegaard parte da *equidade humana*, que começa a ser descoberta no instante em que a eternidade entra na existência do Indivíduo, pois “*só há vigor, e sentido e verdade e realidade na existência quando nós todos, cada um por si (...) recebemos nossas ordens no mesmo lugar e então cada um por si obedece incondicionalmente a esta única e mesma ordem*”. (KIERKEGAARD, 2012. p. 142).

Cabe lembrar que o que dá sustentação para o pensamento ético de Kierkegaard é a fé. Se é necessária a “*suspensão do geral*” para que a individualidade seja exercida na ética Kierkegaardiana, é preciso uma fundamentação segura, que segundo Kierkegaard somente a fé pode produzir. Assim a ética configura-se como ética-religiosa. Se a ação é guiada pela individualidade é necessário responder onde está ancorada esta individualidade agente. Isto ocorre quando a inquisição moral empreende o seu “*porque agiste assim?*”. A fé eleva o Indivíduo perante o geral:

A fé é justamente aquele paradoxo segundo o qual o Indivíduo se encontra como tal acima do geral, sobre ele debruçado (não em situação inferior, pelo contrário, sendo-lhe superior) e sempre de tal maneira que, note-se, é o Indivíduo quem, depois de ter estado como tal subordinado ao geral, alcança ser agora, graças ao geral, o Indivíduo, e como tal superior a este; de maneira que o Indivíduo como tal encontra-se numa relação absoluta com o absoluto. Esta posição escapa à mediação que se efetua sempre em virtude do geral. Ela é e permanece eternamente um paradoxo inacessível ao pensamento. (KIERKEGAARD, 1979. p. 142)

A fé ocupa-se da interioridade humana e desta maneira ela pode justificar o absurdo que consiste na afirmação do indivíduo, acima do geral. O apelo interior é intrínseco a condição humana, pois a vontade individual nem sempre condiz com a exigência do geral. Esta vontade interior é o despertar do espírito, a vontade pautada na eternidade, que só a fé pode respaldar:

Na concepção moral da vida, trata-se, deste modo, para o Indivíduo, de o despojar da sua interioridade, para o exprimir em algo de exterior. Todas as vezes que isso lhe repugna, todas as vezes que é retido por algum sentimento, disposição, etc., de ordem íntima, ou que recai no interior, peca contra si mesmo e entra num estado de crise ansiosa. O paradoxo da fé consiste em que há uma interioridade incomensurável em relação à exterioridade, e esta interioridade, importa notá-lo, não é idêntica à precedente, mas uma nova interioridade. (KIERKEGAARD, 1979. p. 151)

Desta maneira, a fé atualiza a existência do Indivíduo, a partir dela, o indivíduo tem uma nova interioridade, onde a consciência de si está no mais alto grau, pautada na eternidade. A fé não é simples adesão, é a subjetividade que vivencia, tornando original a fé, pois *“quando ela existe num homem, crê não porque os outros creram, mas porque também este homem foi agarrado por aquilo que já agarrou inúmeros antes dele, e, contudo, nem por isso agora menos originalmente”*. (KIERKEGAARD, 2012. p.43). A originalidade está em que *“a essência da fé consiste em ser um segredo, em ser para o indivíduo”* (KIERKEGAARD, 2012. p. 44)

Todo esse movimento que foi descrito até aqui está na categoria que Kierkegaard define como o *“autenticamente cristão”*²³, que tem uma tarefa primordial, a saber, diferenciar as noções da mundanidade, que para Kierkegaard levam ao engano. É somente através do autenticamente cristão que a equidade humana está assegurada, pois é onde existe *“o parentesco entre um homem e o outro, porque o parentesco está assegurado graças ao parentesco igual de cada indivíduo com Deus e à relação com Deus em Cristo”*. (KIERKEGAARD, 2012. p. 90).

O cristianismo é transcendência, pois eleva o homem para uma existência diferente da mundanidade, porém essa existência finca o pé na realidade através da tarefa, pois o cristianismo não *“é uma engenhosa elucubração mental”*²⁴, mas trata-se de *“um agir, tem a propriedade característica de responder e com a resposta amarrar qualquer um à tarefa”*. (KIERKEGAARD, 2012. p. 119). Assim é estabelecida a possibilidade da ética em Kierkegaard, através da tarefa que o cristianismo impõe ao indivíduo. A pretensão ética de ser universal não é possível de realização na mundanidade pois sempre encontrará às diversidades mundanas como empecilhos:

A mundanidade bem-intencionada se mantém, se quisermos dizê-lo, piamente convencida de que deve haver uma única situação temporal, uma única diversidade terrena – quer a descubramos com auxílio de cálculos e visões panorâmicas ou por qualquer outro modo – que constituiria a igualdade. Quando esta situação se tiver tornado a única para todos os homens: aí a igualdade estará instaurada. Mas, por uma parte isso não é realizável, e por outra parte a igualdade de todos por terem uma

²³ Cf. Søren Kierkegaard, As Obras do Amor, 2012. p. 45

²⁴ Idem, p. 91

mesma e comum diversidade temporal não é contudo de modo algum a igualdade cristã; a igualdade mundana, se fosse possível, não seria a igualdade cristã. E realizar perfeitamente a igualdade mundana constitui uma impossibilidade. (KIERKEGAARD, 2012. p. 93)

Portanto, a existência ética, diante deste itinerário, só é realizável com o auxílio da eternidade, que traz ao indivíduo a originalidade do existir, superando a diversidade temporal para instaurar a equidade cristã diante do outro. Kierkegaard coloca a tarefa ética como o motor para a vida autêntica.

1.3.2. A tarefa ética: a autenticidade do existir

O essencialmente cristão é o sentido mais autêntico que a vida consegue tomar. Na obra de Kierkegaard, tem a sua validade porque é o que estabelece a vivência da verdade na existência: *“E para o homem de hoje, que vive em nosso tempo, será que fazem já dezoito séculos que ele se tornou cristão, só porque há dezoito séculos o Cristianismo entrou no mundo?”* (KIERKEGAARD, 2012. p. 42). Kierkegaard quer salvar o Cristianismo de um historicismo que o distancia da vida, assim como não visa refugiar sua concepção em uma transcendência que foge à realidade atual. Quando o bem da eternidade entra na existência, a vida do Indivíduo entra em uma esfera superior, pois se não for assim, a eternidade não age:

Os bens terrenos são uma realidade no sentido exterior, por isso pode-se possuí-los enquanto, e apesar de que, se é como aquele que não os possui; mas os bens do espírito só existem no interior, consistem apenas na possessão, e por isso não se pode, se realmente se os possui, ser como aquele que não os possui; pelo contrário, se se é assim, simplesmente não se os possui. Caso alguém ache que tem a fé e, contudo, é indiferente com esta sua posse, não é frio e nem é quente, aí ele pode ter certeza de que não tem, de jeito nenhum, a fé. (KIERKEGAARD, 2012. p. 42-43)

A existência para tornar-se autêntica deve ser permeada de paixão para significar o que se vive, isto é, ela deve ser vivida com a subjetividade, cheia de vigor e vontade, para vivificar as ideias e as ações. Essa paixão é necessária para afirmar o Indivíduo frente à indiferença mundana:

(...) mas o terrível é possuir o bem supremo numa espécie de coletividade indiferente, na negligência de um hábito rotineiro que, no entanto, quer colocar a espécie no lugar do indivíduo, tornar o gênero humano o receptor e fazer dos indivíduos, em virtude disso, partícipes, sem mais nem menos. (KIERKEGAARD, 2012. p. 43).

O cristianismo é a seriedade da vida, aquilo que retira o ser humano de uma rotina vivida com indiferença e lança-o a uma novidade que atualiza o existir. Sim, o cristianismo tem alguns séculos de vida sobre a terra, mas quando se é invadido por sua força, tem a

característica de trazer o novo, pois ocorreu aí a “*mudança da eternidade*”²⁵. A existência humana é permeada de diferenças que o mundo impõe, estas “*que pertencem a cada um especialmente pelo nascimento, pelo estado, pelas circunstâncias, pela cultura*”²⁶, e é nessa diversidade que o ser humano busca a autenticidade de sua vida. É para este humano-comum²⁷, imerso nas diversidades que Kierkegaard orienta sua obra, pois de nada adiantaria demonstrar a existencialidade do Cristianismo se não houvesse o existente para vivenciá-la.

A diversidade é como uma enorme rede, na qual fica presa a temporalidade; as malhas nessa rede são por sua vez diferentes, um homem parece estar mais preso e amarrado na existência do que outro; mas toda essa diversidade entre esta e aquela diferença, a diversidade comparativa, absolutamente não ocupam o Cristianismo, nem infimamente, pois uma tal ocupação e preocupação seriam, por sua vez, de novo mundanidade. (KIERKEGAARD, 2012. p. 93).

A diversidade terrena não chega a ser assunto principal do Cristianismo, pois sua meta não é ultrapassá-la, mas apontar como a sua exaltação acarreta na distância entre os homens, desta maneira, tornando impossível a equidade humana, que é um fator decisivo para a ética.

(...) a própria mundanidade ... se alegra quando consegue tornar a situação de vida semelhante para muitos e muitos, mas ela mesma reconhece que o seu esforço constitui um pio desejo, que é uma tarefa imensa a que ela se colocou, que as perspectivas são longas – se ela se compreendesse corretamente ela teria de entender que isso jamais será alcançado na temporalidade, que, ainda que este esforço continuasse através dos milênios, mesmo assim jamais alcançaria sua meta. (KIERKEGAARD, 2012. p. 93-94).

Assim, para uma discussão ética, surge um grande problema, a saber, de que maneira poderia se estabelecer a equidade entre os homens frente à diversidade mundana. Na mundanidade cada indivíduo tem suas preferências e aversões e a partir daí constrói suas alianças e relações. Os que compartilham da mesma diversidade podem decidir juntar-se para criar partido e exaltar a sua diferença frente às outras existentes: “*só deve viver na solidariedade do seu círculo, que ele não pode estar aí para os outros homens, assim como esses não podem existir para ele*”. (KIERKEGAARD, 2012. p. 96). Uma unidade que lida só com a semelhança da diversidade e exclui todos os outros. Este tipo de unidade é unilateral e jamais poderia ser tida como princípio para a ação ética, pois a diversidade é aí exaltada; uma unidade que junta os semelhantes e despreza o diferente. Os que vivem na diversidade querem sempre que a sua diferença seja exaltada:

Pois no que se refere às diversidades da vida terrena, por causa do mal-entendido, há uma coisa bem rara, ao mesmo tempo disputa e unidade: uma única e mesma pessoa

²⁵ Cf. Søren Kierkegaard, *As obras do amor*, 2012. p. 41

²⁶ *Idem*, p. 91

²⁷ *Idem*, p. 94

quer suprimir uma diversidade, mas quer vê-la substituída por outra. Diversidade pode significar, aliás, como a palavra diz, o que há de mais diversos, o mais diferenciado; mas cada um que combate de tal modo contra a diversidade que ao excluir uma quer colocar outra no lugar dela, está lutando, afinal de contas, em favor da diversidade. (KIERKEGAARD, 2012. p. 94-95)

Essa passagem é importante, pois mostra a maneira como a subjetividade em Kierkegaard é caracterizada diferentemente do que se poderia chamar de subjetividade egoística. Há um espaço para a alteridade, para o outro, mas cada subjetividade precisa estar unificada com a eternidade:

É claro que o bem supremo não deve ser uma presa; não debes possuí-lo para ti mesmo no sentido egoístico, pois aquilo que tu podes possuir só para ti mesmo jamais será o bem supremo; mas embora no sentido mais profundo compartilhes com os outros o bem supremo (e isto é justamente o bem supremo, o que podes possuir em comum com todos), tu debes, crendo, tê-lo para ti mesmo, para que o conserves enquanto talvez todos os outros também o possuam, mas, também, ainda que todos os outros o abandonassem. (KIERKEGAARD, 2012. p. 43-44)

Para Kierkegaard, só há uma maneira de superar a igualdade na diversidade: através do Cristianismo que *“com o auxílio do atalho da eternidade chega imediatamente à meta: ele deixa que subsistam todas as diversidades, mas ensina a equidade da eternidade”*. (KIERKEGAARD, 2012. p. 94). Esta é a existencialidade do Cristianismo que Kierkegaard quer pôr em evidência novamente. Para ele a *“cristandade”*²⁸ banalizou o Cristianismo, retirando o *“escândalo”*²⁹, que é necessário para que ele (Cristianismo) tenha um sentido verdadeiro.

Quando o Cristianismo veio ao mundo, não precisava expressamente (embora o tenha feito) chamar a atenção para o fato de que ele batia contra a razão humana, pois isto o mundo descobriu com a maior facilidade. Mas agora, agora que o Cristianismo ao longo dos séculos viveu em amplas relações com a razão humana, agora, quando um Cristianismo decaído (...) casou-se com a razão humana, agora que o Cristianismo e a razão vêm se tuteando: agora o Cristianismo tem de antes de mais nada prestar atenção ao conflito. (KIERKEGAARD, 2012. p. 231)

A cristandade dilui o Cristianismo no cotidiano. Não no sentido de que as ações estejam pautadas no Crístico, pelo contrário, torna-o adaptável, vulgar. Segundo Kierkegaard, o Cristianismo traz a mudança da eternidade, o que deve modificar profundamente a existência humana, não sendo possível viver na indiferença. Kierkegaard deixa claro que sua intenção não é defender o Cristianismo, em suas palavras, *“são os homens que devem ver se consegue defender-se a si mesmos e justificar para si o que escolhem, quando o Cristianismo, terrível como antigamente, os impele a escolher: ou escandalizar-se ou assumir o Cristianismo”*. (KIERKEGAARD, 2012. p. 232). *“Justificar para si o que escolhem”*, eis a

²⁸ Idem, p. 66

²⁹ Idem, p. 83

noção de verdade interior, onde repousa a existencialidade do Cristianismo, validar para si aquilo o que se vive, isto implica viver com a subjetividade, e é a existência mais autêntica que o indivíduo pode realizar.

O Cristianismo lança uma tarefa para o agora, o tempo presente, que é restaurado quando vivenciado pela interioridade justificada diante do outro e através da eternidade. O ser humano passa a um agir que pode ser considerado, segundo o pensamento Kierkegaardiano, como verdadeiramente ético: “*o crístico é o verdadeiro ético*”³⁰, trazendo assim a autenticidade para a existência. O crístico chega à existência humana através do mandamento do amor, o “tu deves amar”. Quando Kierkegaard parte para uma análise existencial, seu intuito é justamente realizar a vivificação do Cristianismo, apontando quem é o responsável pela realização deste mandamento e o porquê este deve ser seguido. Mas, qual é este amor que o mandamento anuncia? De que maneira será realizado pelo existente? São estas questões que guiarão o trabalho a partir de agora.

2 A PRÁTICA DO AMOR

2.1 O amor poético (ou amor natural) e o amor enquanto dever: diferenciações

No decorrer deste trabalho percebe-se que Kierkegaard justifica toda a construção dentro de sua obra na eternidade. Ele defende que a vida deve ser fundamentada nessa instância, tanto que a existência ética só poderá ser empreendida com o crístico que a eternidade traz à tona. O “*crístico é o verdadeiro ético*”, que traz imediatamente a tarefa de estar diante do outro e da eternidade. O ser humano é inacabado, isto é, carente, está no mundo fazendo-se, a existência ética é um apelo para essa condição. O indivíduo que faz a si (que busca saciar a necessidade) e que de modo imediato está em presença dos outros. A carência que acomete a vida humana é para Kierkegaard a expressão do que há de mais alto em sua natureza. Esta necessidade demonstra a incompletude humana e o anseio por algo que contenha em si uma vivacidade maior do que essa inquietação. O ser humano costuma burlar essa carência, acreditando ser autossuficiente tomando-a como aspecto depreciador de sua natureza:

³⁰ Søren Kierkegaard, *As obras do amor*, 2012, p. 70

Pois necessidade, ter uma necessidade, e ser alguém carente – como os homens desgostam que se diga isso deles! E contudo dizemos o que há de mais alto, quando dizemos de um poeta que “ele tem necessidade de fazer poesia”, do orador, que “falar é uma necessidade para ele”, e da moça “que ela tem uma necessidade de amar”. Ai, mesmo a pessoa mais carente que já viveu, se teve amor, quão rica não terá sido a sua vida em comparação com a daquele, que é o único miserável, - aquele que foi vivendo a vida e jamais sentiu carência de nada! (KIERKEGAARD, 2012. p. 25)

Fica claro assim que a carência é para Kierkegaard uma espécie de dádiva, tanto que toda sua obra (assim como a filosofia tomada como uma busca) é feita nessa esteira da necessidade humana. O desespero, por exemplo, na sua filosofia é carecer do eterno. A forma como ele apresenta a dinâmica da vida humana aponta para este fator: o indivíduo que está entre o tempo e a eternidade, carece de realizar a síntese, através da formação de seu espírito, para equilibrar sua essência. Todo esse movimento só é possível mediante um agente que justamente proporciona o vínculo da temporalidade e do eterno. O que então, de alguma maneira, originaria essa junção e atenuaria a carência humana? Para Kierkegaard somente o amor:

Pois o que vincula o temporal e a eternidade, o que é, senão o amor, que justamente por isso existe antes de tudo, e permanece depois que tudo acabou. Mas justamente porque o amor é assim o vínculo da eternidade, e justamente porque a temporalidade e a eternidade são de natureza diferente, justamente por isso o amor pode parecer um fardo para a sagacidade terrena da temporalidade, e por isso na temporalidade pode parecer ao homem sensual um imenso alívio lançar para longe de si este vínculo da eternidade. (KIERKEGAARD, 2012. p. (s) 20-21).

Sobre a diferença entre a temporalidade e a eternidade, trata-se da maneira como Kierkegaard norteia seu pensamento, justamente para definir a visão dentro de cada instância. Kierkegaard chama atenção para que não ocorra enganos. Como é a eternidade que se apresenta, com sua diferença, o indivíduo encerrado na temporalidade engana-se a si próprio acreditando não necessitar deste amor. Neste ponto Kierkegaard exaspera:

Enganar-se a si mesmo quanto ao amor, é o mais horrível, é uma perda eterna, para a qual não há reparação nem no tempo nem na eternidade. Pois nos outros casos, por mais diversos que sejam, em que se fala do ser enganado no amor, o enganado se relaciona mesmo assim com o amor, e o engano consiste apenas em que o amor não estava onde se acreditava estar; aquele porém, que se engana a si mesmo exclui-se a si mesmo e exclui-se do amor. (KIERKEGAARD, 2012. p. (s) 19-20)

O amor procede do mais íntimo do homem e por isso não querer ligar-se a ele é um dano irreparável. O indivíduo anula-se perante a eternidade, daí o que restaria a ele seria o desespero, de não relacionar-se com o eterno, e a angústia de não saber o que fazer consigo mesmo. O tornar-se indivíduo, a vivência da verdade, através da subjetividade, a entrada da eternidade na existência do indivíduo, é este caminho que propicia a expressão do amor.

Kierkegaard intui configurar qual o tipo de amor que está a falar e a fonte deste amor que está no mais íntimo do ser humano:

A vida oculta do amor está no mais íntimo, insondável, e aí então numa conexão insondável com toda a existência. Assim como o lago tranquilo mergulha profundamente no manancial oculto, que nenhum olhar jamais viu, assim também se funda o amor de um homem, ainda mais profundamente, no amor de Deus. Se no fundo não houvesse um manancial, se Deus não fosse amor, então não existiria o pequeno lago, e absolutamente nenhum amor de um ser humano. (KIERKEGAARD, 2012. p. 24)

A existência está fundada no amor, pois este advém de Deus, e só assim pode existir o amor humano, encontrado no mais íntimo, isto é, na interioridade de cada ser humano. A existência do ser humano só é plenamente realizada desta maneira, estando em consonância com a interioridade, de acordo com o amor de Deus, pois a essência, isto é, o *“ser do homem significa “existência diante de Deus”*”³¹. Desta maneira, o amor é o que assemelha os homens e possibilita a compreensão e o reconhecimento pois, um *“semelhante só é conhecido pelo semelhante; só aquele que permanece no amor pode conhecer o amor do mesmo modo como seu amor deve ser conhecido”*. (KIERKEGAARD, 2012. p. 31) Aqui se abre a possibilidade para a ética, especificamente para a prática do amor, a prática através deste amor que assemelha os homens, assim igualando-os perante a relação ética.

De que forma o amor vem ao ser humano enquanto uma prática? De que maneira o amor pode ser vivenciado? Se este amor advém da eternidade, ele certamente diferencia-se do tipo de amor que o *“puramente humano”*³² tem como certo. Ele configura-se como a expressão do dever, isto é, chega ao ser humano em forma de mandamento: *“tu deves amar”*. Kierkegaard parte para a diferenciação do amor enquanto *“dever”* perante as representações do *“amor natural”*. Segundo o pensador, a mais alta expressão do amor natural é dada pelos poetas, que são os *“porta-vozes do amor”*³³. Para Kierkegaard o poeta está inserido no paganismo e *“o amor que eles cantam, ocultamente é amor de si, e que justamente daí se deixa esclarecer a sua expressão inebriante de amar uma outra pessoa mais do que a si mesmo”*. (KIERKEGAARD, 2012. p. 34).

O paganismo, assim, pode ser encarado como as representações que divergem do Cristianismo, neste caso as representações do amor poético que se distancia do amor enquanto dever. A expressão poética do amor canta o amor que surge do instinto, da inclinação, da predileção, isto é, o amor da imediatidade; o amor que está totalmente passível de mudança; o amor que busca a prova, assim, o amor limitado e dependente. Este amor, agarra-se ao objeto

³¹ Cf. Emerich Coreth, Deus no pensamento filosófico, 2009. p. 327

³² Cf. Søren Kierkegaard, As obras do amor, 2012. p.61

³³ Idem. p.46

de tal modo que o torna o mais importante da relação, mais até que o próprio amor. Neste ponto Kierkegaard exaspera:

O amor natural se baseia num instinto que, transfigurado em inclinação, tem a sua expressão mais elevada, incondicional, sua expressão única, incondicionalmente poética, no seguinte: que só há um único amado no mundo todo, e que esta única vez do amor natural constitui o amor, é tudo, enquanto a segunda vez não vale nada – quando de resto se diz, aliás, como no provérbio, que “uma vez só nem conta”, mas aqui, ao contrário, a primeira vez é absolutamente tudo, e a segunda vez é a ruína de tudo. Isso é poesia, e a ênfase situa-se incondicionalmente no ápice da paixão: ser ou não ser. Amar outra vez não significa amar igualmente, mas é para a poesia uma abominação. Se um assim chamado poeta quiser convencer-nos de que o amor pode repetir-se na mesma pessoa, se um assim chamado poeta quiser ocupar-se com tolices sutis, que supostamente deveriam esgotar o enigma da paixão no “porquê” da sabedoria humana: então ele não seria poeta. (KIERKEGAARD, 2012. p. 68-69)

A poesia canta a novidade no sentido de que o amor tem que ser permanente, deve existir o único amor, o primeiro amor. Kierkegaard aponta que um amor limitado, fundamentado no amor de si contém sempre a possibilidade de alteração justamente por não estar fundamentado na eternidade. A predileção humana tende a mudar, o que faz deste amor angustiados frente a esta possibilidade de alteração. Consequente a isso, esse amor exige provas de que permanece o mesmo, de que o amor ainda está presente. Segundo Kierkegaard, o querer provar é justamente a insegurança da relação:

O amante quer pôr à prova a amada, o amigo quer pôr a prova o amigo; é claro que este exame tem seu fundamento no amor, mas este prazer de provar, que se inflama febrilmente, este anelo do desejo de ser posto à prova explica, contudo, que inconscientemente o amor está inseguro de si mesmo. (KIERKEGAARD, 2012. p. 50)

Este amor defendido pelo poeta distancia-se da ideia do amor enquanto dever porque anula a infinitude do amor. Desta maneira este amor diferencia seu objeto com relação aos outros, isto é, limita a relação amorosa à capacidade de amar somente ao amado, impossibilitando a prática do amor que é uma relação expansiva, que abrange a todo homem, pois todo e qualquer homem encarna a figura do próximo. Segundo Kierkegaard, o amor limitado ao objeto trata-se do amor de predileção:

E a respeito da amizade vale também o que vale do amor natural, na medida em que esta também se encontra no amor de predileção: amar a esta única pessoa antes de qualquer outra, amá-la em oposição a todas as outras. Tanto o objeto do amor natural quanto o da amizade têm por isso o nome de amor de predileção: “o (a) amado (a)”, “(o) amigo (a)” que são amados em oposição ao mundo todo. (KIERKEGAARD, 2012. p. 34)

A fundação deste amor é o egoísmo, onde a sabedoria humana defende que só é válido o tipo de relação na qual os interesses próprios sejam correspondidos. Por isso a

relação feita pautada neste amor é fraca, pois esse “*amor se vai enfraquecendo na tibieza e na indiferença do hábito rotineiro*”³⁴ ou quando o egoísmo percebe que não está sendo saciado:

Caso alguém, diante de um outro que lhe diz: “Não posso mais continuar a amar-te” respondesse com orgulho: “Então eu também posso parar de te amar”: será que isso é independência? Ai, é dependência, isto sim, pois se ele deve continuar a amar ou não, isto depende de o outro querer amá-lo ou não. (KIERKEGAARD, 2012. p. 57)

Além de ser um amor dependente é também um amor egoísta que ama de acordo com suas representações e que se relaciona exigindo; assim deve ser abandonado para dar lugar ao dever de amar:

O amor sensual e a amizade devem ser o que há de mais alto no amor, ou este amor deve ser abandonado? O amor erótico e a amizade se relacionam com a paixão; mas toda e qualquer paixão, quer ataque ou se defenda, luta somente de um jeito: ou eu, ou ele: “ou eu existo e sou o mais alto, ou então simplesmente não existo; tudo ou nada”. (KIERKEGAARD, 2012. p. 64)

Kierkegaard define o amor natural como dependente e egoísta, e por conta disso jamais daria conta da pluralidade humana, jamais poderia realizar a prática do amor, empreendendo relações com o “*humano-comum*”³⁵. Diante do exposto, no contexto do pensar Kierkegaardiano, a maneira de realizar a prática do amor é através do mandamento do amor, o dever de amar. Isto significa uma nova maneira de vivenciar o amor, segundo o filósofo, a maneira correta de empreender o amor; primeiramente o amor de si mesmo para posteriormente se estender ao próximo.

Na verdade para Kierkegaard o mandamento “*tu debes amar o próximo como a ti mesmo*”³⁶ se “*compreendido corretamente ele também diz o inverso: “Tu debes amar a ti mesmo da maneira certa*”³⁷. Isto significa que quando um outro é colocado na relação, o amor de si está liberto do amor egoísta que fecha-se sobre si mesmo, podendo empreender o dever de amar, “*pois a ideia dele é arrancar de nós homens o egoísmo. Pois este consiste em amar-se a si mesmo; porém, se se deve amar o próximo “como a si mesmo”, então o mandamento arranca, como que como uma gazua, o fecho do egoísmo, e com isso arrebatada dele o homem*”. (KIERKEGAARD, 2012. p. 32)

Desta maneira o dever de amar tem como característica crucial a superação do egoísmo, logo todas as representações do amor natural estão abolidas, pois o dever de amar traz a firmeza da eternidade, tornando o amor independente e seguro, livrando-o das mudanças, pois segundo Kierkegaard, somente “*quando amar é um dever, só então o amor*

³⁴ *Idem*, p. 53

³⁵ Cf. Søren Kierkegaard, *As obras do amor*, 2012. p. 94

³⁶ *Idem*. p. 38

³⁷ *Idem*.

está eternamente assegurado contra qualquer mudança; eternamente libertado em bem-aventurada independência; protegido eterna e felizmente contra o desespero". (KIERKEGAARD, 2012. p. 45). Isto é possibilitado porque este é o amor transformado pela eternidade e que, portanto, não pode proceder de um coração humano, mas do divino, pois o dever de amar "*é justamente o sinal do amor cristão*"³⁸:

Tu "deves" amar, esta é, portanto, a palavra da "lei real". E verdadeiramente, m. ouv., se conseguires imaginar o estado do mundo antes dessas palavras terem sido proferidas, ou se te deres ao trabalho de compreender a ti mesmo e prestares atenção à vida e ao estado de espírito daqueles que, embora se chamem cristãos, vivem propriamente em concepções pagãs, aí então tu, com relação a este elemento essencialmente cristão, como em relação a tudo o que é cristão, confessarás humildemente com o espanto da fé que uma tal palavra jamais brotou do coração de um homem. (KIERKEGAARD, 2012. p. 40)

O dever de amar é uma ideia que só o Cristianismo pode empreender, (por isso é a "lei real"), pois como foi visto, as representações humanas de amor são fracas e não possibilitam uma relação amorosa enquanto prática do dever. Esta prática, por mais que seja efetivada somente pelo essencialmente cristão, ou seja, mesmo que precise de uma ideia de transcendência, sua concretização se dá no aqui e agora do mundo. Isto percebe-se principalmente encarnado na figura do próximo, o ser que está mais próximo e que de alguma maneira traz um apelo ao indivíduo. O amor enquanto dever não convém com as representações humanas porque essas relacionam-se mediante um interesse, buscam um benefício que deve ser retirado da relação. Assim, o objeto deste amor tem que corresponder as aspirações daquele que ama. Já o dever de amar é o contrário disso, ele não estabelece representações porque sua ação é livre de comparação ou de interesse:

Mas será que a dispersão é mais forte do que a unidade, será que um coração dilacerado é mais forte do que um pleno e indiviso, será que um agarrar continuamente angustiado segura o seu objeto mais firmemente do que as forças reunidas da simplicidade? E de que modo então aquele amor simples está protegido contra o ciúme? Não será porque ele não ama baseado em comparações? Ele não começa por amar imediatamente a partir de preferências, ele ama; por isso jamais chegará a amar de modo doentio à base de comparações, ele ama. (KIERKEGAARD, 2012. p. 53)

Qual amor é capaz de mostrar o outro, o diferente, como o semelhante? O "tu deves amar", justamente porque este amor está livre de comparações, isto é, está livre da predileção, ele simplesmente ama. Este amor configura-se como o amor firme, ou seja, aquele que não se dispersa pois tem sua tarefa definida: amar. Ele não condiciona a relação por meio de preferência ou aversão, ele simplesmente empreende o amor, sendo assim, o amor livre. Nas palavras de Kierkegaard:

³⁸ *Idem*. P. 40

Se alguém dissesse “ou amar ou morrer”, e com isso indicasse que uma vida sem amar não vale a pena ser vivida, nós lhe daríamos inteira razão. Mas se ele entendesse, com aquela afirmação, a posse do amado, e portanto quisesse dizer “ou possuir o amado ou morrer”, “ou conquistar este amigo ou morrer”, então teríamos de dizer que um tal amor só é independente num sentido não verdadeiro. Logo que o amor, em sua relação com o seu objeto, não se relaciona na relação igualmente consigo mesmo, enquanto contudo ele é totalmente dependente, então ele é dependente num sentido não verdadeiro, então ele tem a lei de sua existência fora de si mesmo e é portanto dependente num sentido efêmero, terreno, temporal. Mas o amor que se submeteu à transformação da eternidade em se tornando dever, e ama porque *deve* amar, é independente, tem a lei de sua existência na própria relação do amor para com o eterno. Este amor jamais pode tornar-se dependente no sentido não verdadeiro, pois a única coisa de que ele depende é o dever, e o dever é a única coisa que liberta. (KIERKEGAARD, 2012. p. 56)

O amor habita no íntimo do ser humano e devido a isso sua lei é interior, fundamentada na eternidade, onde o dever orienta. Dessa maneira o amor depende da sua relação com a eternidade e não “*da contingência do seu objeto*”³⁹. Não é por meio de representações que ama, mas através da orientação que a eternidade aponta. Portanto um amor abrangente que se direciona ao “*humano-comum*”, independente da condição deste, sendo assim, o amor que aproxima o diferente.

A prática do amor defende o indivíduo do egoísmo porque é uma tarefa que se direciona ao outro. Existe em Kierkegaard o movimento da interioridade (vê capítulo 1), onde o indivíduo empreende suas forças para tornar a si próprio, e este movimento é realizado por meio da solidão, isto é, o indivíduo consigo mesmo. A prática surge para salvaguardar o ser humano desta condição de solitude, justamente porque ela coloca o ser humano na tarefa com o outro.

Logo, “*Tu deves amar o próximo*”, tu não és só no mundo, a existência de outros te lança na empreitada de relacionar-se com outros, estes que podem não se assemelhar a ti em nada, podem ser o “totalmente diferente”, mas ainda assim, “tu deves amar”. Desta maneira, o amor enquanto dever é essencialmente o amor de abnegação que se dedica a todos, que não se relaciona a partir de predileções, mas tendo o dever como guia. Para melhor configurar o amor de abnegação é necessário atentar-se para a figura do próximo, que é para quem este amor dirige-se, e o tu, aquele que exerce o dever.

2.2 O tu e o próximo: a ação na prática do amor

³⁹ Cf. Søren Kierkegaard, *As obras do amor*, 2012. p. 57

Toda essa discussão desenvolve-se mediante uma questão que não foi feita diretamente, mas que se revela imprescindível para este momento, a saber, o que é o amor?

Kierkegaard responde prontamente a esta pergunta:

Amor é uma relação para com a outra pessoa ou para com outras pessoas, mas não é de jeito nenhum e de jeito nenhum pode ser um simples acordo nupcial, uma combinação entre amigos, ou um acordo meramente humano, uma solidariedade entre homens e homens, por mais fiel e terna que fosse. (KIERKEGAARD, 2012. p. 136-137)

O amor é uma relação, tarefa, trabalho permanente diante e com o outro. O amor mundano não vai muito longe em sua concepção de amor: *“amar o bem e os homens, porém de tal modo que ao mesmo tempo a gente trate de tirar vantagem terrena para si próprio e para alguns outros”*. (KIERKEGAARD, 2012. p. 149). Sobre este fato, Kierkegaard enfatiza que a concepção de amor deve vir de um mesmo lugar para que não haja enganos. Tanto a solidariedade, quanto o acordo podem tender ao egoísmo na medida em que a ação é realizada apenas em prol de si, visando atingir a satisfação de interesses próprios. No entanto, Kierkegaard deixa claro que amor vai além disso, aliás é o diferente em comparação à isso. Foi visto que o dever extirpa o egoísmo quando aponta que a relação vai além da satisfação do ego e o que se espera desse amor, enquanto prática, *é que “não se demore um bom tempo divertindo-se consigo mesmo em ilusão lisonjeira, mas sim que imediatamente se dirija para a tarefa”*. (KIERKEGAARD, 2012. p. 118)

O amor natural muitas vezes perde-se no meio do caminho, seja pela fraqueza que leva ao hábito, pela inflamação do ciúme ou por não considerar algum ser humano digno de ser amado. A partir desta visão, encontrar um outro digno de amor é uma questão de sorte; não há nenhuma ideia de dever pensável aí. Como o amor, sendo uma questão de sorte, pode ser uma tarefa? O que ele ganharia com isso (tornar-se tarefa) afinal? Quando o amor se torna dever, este amor trata-se primariamente da tarefa ética:

Amor e amizade, como o poeta os compreende, não contêm, por isso, absolutamente nenhuma tarefa ética. Amor e amizade são uma questão de sorte; é uma felicidade, no sentido poético (e por certo o poeta entende muito da felicidade), a mais alta felicidade está em enamorar-se, encontrar o seu único amado; é uma sorte, quase uma sorte tão grande quanto a outra, encontrar o seu amigo. A tarefa aqui pode no máximo consistir em ser realmente grato por sua felicidade. Por outro lado, jamais poderá constituir-se numa tarefa o dever encontrar a pessoa amada ou encontrar aquele amigo; isso não pode ser feito, o que aliás o poeta compreende perfeitamente. A tarefa depende então de se a felicidade quer dar a alguém a tarefa; mas isso, afinal de contas, é justamente a expressão para dizer que, no sentido ético, não há uma tarefa. Quando pelo contrário, se deve amar o próximo, a tarefa existe, a tarefa ética, a qual por sua vez é a fonte original de todas as tarefas. (KIERKEGAARD, 2012. p. 70)

Para Kierkegaard o amor ao próximo é a verdadeira tarefa ética que está colocada prontamente na relação. O dever traz a transformação da eternidade que torna o amor necessário, na medida em que é o vínculo com a eternidade, aquilo que está no mais íntimo de cada ser humano. A tarefa ética é urgente porque o amor está a todo momento presente. O dever se coloca aí nessa existência imediata. Aqui torna-se necessário abrir um parêntese. Por mais que dentro do pensamento Kierkegaardiano existam ideias de transcendência ou mesmo metafísicas, toda a concretização se dá na existência atual. Sobre este ponto, Pinzetta (2007) nos diz que o que Kierkegaard intui é *“pôr a metafísica em movimento, fazê-la participar na existência, ser um interesse, ser uma relação entre pessoas existentes”*.⁴⁰

O dever de amar, que é o amor cristão, tem sua realização no mundo, nas relações diárias com e diante do outro, e por isso mesmo é uma tarefa, porque existe a diferença, no pensar, no agir, no ser de cada um; o ser humano existe na correria apressada e no hábito rotineiro da mundanidade, que dificultam este agir amoroso.

Porém, o amor enquanto dever vem justamente em forma de tarefa, porque se fosse de outra maneira *“o amor de si conseguiria achar desculpas e inventar pretextos”*⁴¹: *“Tu debes amar o próximo”*, eis a tarefa. Dentro da prática do amor, configurada essencialmente como dever, o “tu” e o “próximo”, são as figuras que direcionam a tarefa. Respondem às perguntas: “quem deve empreender o dever de amar?” e “quem deve receber o amor dentro desta prática?”. A prática exige que o amor de si tido como egoísmo, seja expulso enquanto amor que se fecha sobre si mesmo e ama a partir de preferências e representações. Cabe lembrar que existe o amor de si sadio, aquele que cultiva o cuidado de si, que busca a relação consciente consigo próprio, que não demora em si de maneira egoísta, mas que volta para si com intuito de fomentar a eternidade, esta que embasa a relação amorosa autêntica:

O amor a si próprio está no fundamento de todo amor ou vai ao fundo em todo amor, eis por que, se quisermos imaginar uma religião do amor, esta, tão epigramática quanto verdadeiramente, só há de pressupor uma única condição e a admitirá como dada: amar a si mesmo, para em seguida ordenar que se ame ao próximo como a si mesmo. (KIERKEGAARD, 1995. p. 64)

Portanto, o amor de si é a base de uma relação amorosa autêntica, não como amor egoísta, mas enquanto condição primária de relação, isto é, está em concordância consigo próprio. Quem pratica esta tarefa, realiza a ação amorosa cumprindo o dever de tornar-se o próximo. Quando o “tu” empreende o amor ele se põe como o próximo, pois segundo Kierkegaard, dentro da tarefa *“não se trata de saber quem é o próximo, mas sim de a gente se*

⁴⁰ Cf. Inácio Pinzetta, A repetição como movimento para frente. A nova categoria. p. 246 In.: Søren Kierkegaard no Brasil: Festschrift em homenagem a Álvaro Valls. Vários organizadores.

⁴¹ Cf. Søren Kierkegaard, As obras do amor, 2012. p. 33

tornar o próximo”. (KIERKEGAARD, 2012. p. 38). Assim a categoria do próximo constitui a reduplicação da identidade: *“para quem eu tenho a obrigação é o meu próximo, e quando eu cumpro o meu dever eu mostro que eu sou o próximo*”. (Idem).

Mas, afinal, quem é o próximo? Isto a tarefa indica: aquele que deve ser amado! Porque o próximo é digno de receber amor? Será porque ele atende todas as aspirações das representações humanas? Não, pelo contrário, o próximo não é definido pelas representações, ele é o diferente, escapa das definições que querem determinar. Kierkegaard, responde à questão sobre o próximo da seguinte forma:

A palavra é manifestamente formada a partir de “estar próximo”, portanto, o próximo é aquele que está mais próximo de ti do que todos os outros, contudo não no sentido de uma predileção, pois amar aquele que no sentido da predileção está mais próximo de mim do que todos os outros é amor de si próprio. (KIERKEGAARD, 2012. p. 36)

O próximo é aquele com quem há uma junção na iminência da existência. A tarefa é posta diretamente pois é colocada na condição de relação (de estar com os outros, que não vive só) que é o ser humano. Assim é mostrado porque o dever de amar ameaça o egoísmo, justamente porque este amor se estende a quem está mais próximo. Desta maneira, a concepção de próximo *“é em si uma multiplicidade, pois “o próximo” significa “todos os homens”, e, contudo, em outro sentido, basta um único homem para que tu possas praticar a lei*”. (KIERKEGAARD, 2012. p. (s). 36-37). A condição para que a prática do amor aconteça é que o próximo esteja presente, que se veja o próximo, como este se apresenta, isto é, dentro dessa relação, não é exigido nenhuma representação de perfeição por parte do próximo.

Já que o dever consiste em amar os homens que nós vemos, então antes de mais nada devemos renunciar a todas as representações fantásticas e exaltadas de um mundo de sonhos, onde o objeto do amor tivesse de ser procurado e achado, isto é, temos de nos tornar sóbrios, conquistar a realidade efetiva e a verdade encontrando e permanecendo no mundo da realidade, como sendo a tarefa assinalada a cada um de nós. (KIERKEGAARD, 2012. p. 190)

Fincar os pés no mundo da realidade, estar atento à tarefa que é indicada para cada um através do dever de amar. O amor dirige-se ao próximo que é o humano-comum, os homens que nós vemos, que estão presentes:

Se o dever consiste em, no amor, amar os homens que se vê, então o que vale é que ao amar o homem real individual não se introduza sub-repticiamente uma representação ilusória de como se acharia ou se poderia querer que este homem devesse ser. Pois aquele que faz isto, não ama, afinal de contas, o homem que vê, mas ama, isto sim, algo de invisível, sua própria representação ou alguma outra coisa similar. (KIERKEGAARD, 2012. p. 193)

Segundo Kierkegaard, o amor natural julga por meio da predileção. Na visão deste amor, seu objeto, quem é merecedor do amor, é aquele que compartilha alguma semelhança

ou de alguma maneira atende as reivindicações de quem empreende o amor. Aquele que for considerado imperfeito, distante das representações, não é considerado digno de ser o objeto do amor. Isto porque, como já foi visto o amor natural é, segundo Kierkegaard, o amor egoísta.

Submeter-se à representação que a pessoa amada tem do que seja amor, eis o que é amar, humanamente falando, e quando se faz assim se é amado. Mas contrariar a representação puramente humana que a pessoa tem do que seja amor significa negar o desejo, e portanto também aquilo que o próprio amante, compreendido de maneira puramente humana, teria de desejar, para sustentar a representação divina: eis o conflito. (KIERKEGAARD, 2012. p. 138)

O meramente humano supõe um ideal de amor e espera que este seja concretizado na figura do amante. Já a prática do amor não enfatiza o objeto da relação, isto é, não busca caracterizá-lo (o objeto) para ser considerado digno de amor. Eis o que diferencia o amor enquanto dever das representações do amor natural. Com o pé fincado na realidade, a prática direciona-se a todo e qualquer humano, mesmo consciente da imperfeição do próximo. Nas palavras de Kierkegaard, o próximo significa “*incondicionalmente qualquer homem, todas as diferenças ficam sem dúvida excluídas do objeto... o que quer dizer que este amor só se reconhece pelo amor*”. (KIERKEGAARD, 2012. p. 87). O amor ao próximo é uma necessidade e por isso não faz diferenciação em relação ao objeto, não há exclusividade:

Ora, quando a necessidade do amor num homem o impele a amar uma única pessoa, então (embora concedendo que esta necessidade é uma riqueza) é preciso dizer, contudo, que ele necessita desta pessoa. Se, ao contrário, a necessidade do amor num ser humano o impele a amar a todos, aí então esta é uma necessidade, e ela é tão poderosa que é como se ela mesma quase pudesse produzir o seu objeto. A ênfase no primeiro caso situa-se na particularidade do objeto, e no segundo caso situa-se na essencialidade da necessidade (...) (KIERKEGAARD, 2012. p. 88).

Assim, o amor enquanto dever torna-se livre em sua necessidade, pois sua dependência não é em relação ao objeto, pois “*ele não necessita dos homens para ter de qualquer maneira alguém para amar, mas ele tem necessidade de amar os homens*” (KIERKEGAARD, 2012. p. 88-89). Quanta diferença se estabelece neste ponto. O dever de amar não abre espaço para o egoísmo. Torna-se livre por não depender do objeto para sua realização. Mas não é um amor indiferente, não se prende ao objeto buscando fazê-lo perfeito, pelo contrário, justamente por isso é o amor expansivo que abrange a todos:

Contudo, este amor não é orgulhosamente independente de seu objeto, sua igualdade de tratamento não provém do fato de o amor voltar-se orgulhosamente para dentro de si com indiferença frente ao objeto, não, a igualdade deriva-se do fato de o amor voltar-se humildemente para fora, abrangendo a todos, e contudo amando a cada um em particular, mas a ninguém exclusivamente. (KIERKEGAARD, 2012. p. 87-88)

Desta maneira, o amor que empreende a prática é essencialmente o amor de abnegação:

Quando o amante ou o amigo só é capaz de amar esta única pessoa em todo o mundo, o que dá volúpia ao ouvido do poeta, então, nessa imensa afeição há algo de imensamente voluntarioso, e o amante, nessa afeição tempestuosa e enorme, se relaciona propriamente consigo mesmo em amor de si. É esse amor egoístico, voluntarioso, que a abnegação quer eliminar com o “tu deves” da eternidade. (KIERKEGAARD, 2012. p. 75)

A abnegação surge para transformar o amor, ela é a única possibilidade de arrancar do ser humano o egoísmo enquanto amor de si. Ela traz o discernimento ao ser humano na medida em que é a “*transformação graças a qual um homem se torna sóbrio no sentido da eternidade*” (KIERKEGAARD, 2012. p. 76). Amando sem cultivar as diferenças, a abnegação faz do próximo seu semelhante, pois superada toda a preferência, todas as distinções, fica o que para Kierkegaard pode ser considerada a essencialidade de ser humano, a saber, o atributo da eternidade em cada um, que é descoberto através da consciência de ser espírito.

Assim, nas palavras de Kierkegaard, “*só no amor ao próximo o si mesmo, que ama, determina-se de maneira puramente espiritual como espírito, e o próximo é uma determinação puramente espiritual*” (KIERKEGAARD, 2012. p. 77). A eternidade deixa o amor de si sóbrio, através da abnegação, para que ele não demore em si mesmo, para que se oriente ao próximo, realizando a tarefa. A determinação espiritual do próximo é “*a igualdade dos homens diante de Deus*”⁴², o que possibilita a abnegação agir:

(...) amar o próximo é igualdade. É estimulante em tua relação para com uma pessoa distinta, que nela tu *devas* amar o teu próximo; é bom para tua humildade na relação para com o mais humilde, que tu nele não tenhas de amar o mais humilde, mas sim devas amar ao próximo; é libertador, se tu o fazes, pois tu *deves* fazê-lo. O próximo é todo e qualquer homem; pois pelas diferenças ele não é o teu próximo, nem mesmo pela igualdade contigo no interior da diferença em relação aos outros homens. Pela igualdade contigo diante de Deus ele é o teu próximo, mas esta igualdade absolutamente todo homem tem, e a tem incondicionalmente. (KIERKEGAARD, 2012. p. 81)

Desta maneira a abnegação permite o diferente tornar-se igual, orientando-se em um sentido espiritual, chega à igualdade. O próximo, portanto, sendo determinação espiritual, deve orientar toda a relação amorosa dizendo: “*conserva em teu amor a ti mesmo o amor ao próximo, conserva no amor apaixonado e na amizade o amor ao próximo*”. (KIERKEGAARD, 2012. p. 83). O amor ao próximo deve ser o parâmetro para as relações. O (a) amigo (a), o (a) amado (a) devem ser o próximo para que a relação esteja determinada pelo

⁴² Cf. Søren Kierkegaard, As obras do amor, 2012. p. 81

espírito, que para Kierkegaard é o que dá autenticidade na relação. Por isso a importância de conhecer a base ontológica da condição humana para que seja possível intencionar a igualdade humana, “*pois a igualdade fundamental consta da determinação do próximo*”⁴³, isto é, dizer próximo é o mesmo que dizer todo homem, o humano-comum:

Cada um de nós é homem e então por sua vez é o diferente, que ele é enquanto particular; mas ser homem constitui a determinação fundamental. Ninguém pode enganar-se em virtude da diferença a ponto de, por covardia ou presunção, acabar esquecendo de que é um ser humano; nenhum homem constitui por sua diferença especial uma exceção em relação ao “ser homem”, mas ele é homem e aí então é aquele que é enquanto particular. (KIERKEGAARD, 2012. p. 168)

Neste sentido, a determinação do próximo é a universalidade humana, primeiro aquilo que se é mais essencialmente, ser humano, onde os diferentes são iguais, pois compartilham da mesma condição de ser homem. Assim, fica delineado porque uma relação que toma como guia a predileção torna o amor ao próximo impossível, pois “*a predileção se refere sempre à diferença*”⁴⁴. Agarra-se sempre as “*diferenças ou por força da igualdade que se baseia na diversidade*”⁴⁵, isto é, quando dois consideram-se iguais (na formação, na cultura) amam-se mutuamente e excluem todo o resto, o diferente.

Portanto, a prática do amor, definitivamente, só pode ser realizada pela abolição das diferenças. Aqui, não se trata de um olhar ingênuo, que acredita que as diferenças podem ser extintas de maneira definitiva. Pelo contrário, Kierkegaard exaspera que essencialmente esta relação se dá da seguinte maneira: “*permanecendo em sua diversidade terrena, como a que é indicada a cada um, querer está aí de maneira igual para absolutamente qualquer pessoa*”. (KIERKEGAARD, 2012. p. 106).

A condição humana, colocada dentro destes termos, é a tarefa ética dentro do pensamento Kierkegaardiano. Esta tarefa que segundo o pensador é “*uma tarefa ingrata*”⁴⁶, pois age através da abnegação, isto é, não exige nada para si mesmo, apenas ama. Portanto, a tarefa ética em Kierkegaard, se dá essencialmente pelo amor, pois é este que promove a simetria entre os indivíduos, o que responde à pretensão ética de ser universal. Somente esta prática através do amor possibilita se pensar no próximo e agir pelo outro.

Como foi visto nos capítulos anteriores, todo este movimento, inicia-se com a interioridade, através do desenvolvimento da consciência de si próprio, para avançar no alcance do âmbito espiritual, em um tornar-se. Este é um movimento de toda existência, não há um ponto de chegada, onde este processo será dado como terminado, a tarefa é constante.

⁴³ Cf. Søren Kierkegaard, *As obras do amor*, 2012. p. 168

⁴⁴ *Idem*. p. 83

⁴⁵ *Idem*. p. 77

⁴⁶ *Idem*. p. 100

Por isso, o amor também é uma questão de consciência, pois, enquanto dever resulta em uma transformação interior, que tem sua expressão na exterioridade. A consciência está a todo momento em movimento, primeiro no interior, afirmando o “*si mesmo*”, e segundo, no movimento exterior, colocando-se para o próximo, enquanto tarefa:

Assim vemos que o amor em sua qualidade característica não se isola; nem se obstina numa certa independência ou num “ser para si” enfileirado com o resto: porém, ele se dedica inteiramente; o característico é justamente que ele com exclusividade tem a característica de se entregar. (KIERKEGAARD, 2012. p. 244).

Desta maneira é descrita a prática do amor, enquanto uma relação que se empenha ao outro. Sendo o amor o fundamento da existência humana, e tendo como característica a entrega, a condição do ser humano pode ser descrita assim como ser para outro. Através da abnegação, que supera o egoísmo de todo si mesmo. Neste amor, onde o tu e o próximo são o mesmo agente, pois como foi visto o mais importante é agir amorosamente, para que nesta ação enquanto o tu cumpre o dever, imediatamente mostra-se como o próximo. Assim pode-se definir o amor ético, que jamais perde-se no si mesmo, mas está prontamente colocado como tarefa direcionando-se ao próximo.

2.3 O amor ético

2.3.1 A edificação através do amor

No início das *Obras do amor*, Kierkegaard indica que o amor tem sua vida no oculto e a medida em que manifesta-se através de obras é que ele é reconhecido. O amor não é visto e por isso mesmo se tem de crer nele. O essencial é que o amor dê frutos para que possa ser demonstrado. Mas os seus frutos, não são quaisquer obras:

Não há nenhuma obra, nem uma única, nem a melhor, da qual ousássemos dizer: quem faz isso demonstra incondicionalmente com isso o amor. Depende do como a obra é realizada. Há obras, aliás, que são chamadas de obras do amor (ou de caridade) num sentido especial. Mas em verdade, porque um dá esmolas, porque visita a viúva, veste o nu, seu amor ainda não está demonstrado ou reconhecido; pois podem-se fazer obras de amor de maneira desamorosa, sim, até mesmo egoísta, e neste caso a obra de caridade não é uma obra do amor. (KIERKEGAARD, 2012. p. 27 - 28)

Como tudo o que está no âmbito do tornar-se indivíduo desenvolve-se partindo da originalidade, com o amor também se dá desta maneira. Com isto afirma-se que não existe uma fórmula determinada que desenvolva o amor, mas que a condição essencial é “*que o eterno adquira sobre um homem um poder tão grande que o amor se reforce eternamente*”

nele ou forme um coração” (KIERKEGAARD, 2012. p. 27). Só o amor vivente na eternidade é capaz de produzir frutos. Só o indivíduo que vivencia a originalidade que o eterno traz a si é apto a desenvolver o amor.

Formar o coração: o amor tem de estar fundamentado no mais íntimo do ser humano, o que implica afirmar que, deve haver uma concordância interna no indivíduo; o pensamento corresponde ao que se diz e ao que se faz. Ou seja, *“de que maneira a palavra é dita e sobretudo de que maneira ela é pensada, a maneira como um ato é realizado: eis o decisivo para pelos frutos determinar e reconhecer o amor”*. (KIERKEGAARD, 2012. p. 28) Desta maneira, não é o exterior que determina se o amor está presente ou não, pois não cabe a humanidade julgar se os indivíduos amam corretamente, mas, que cada um empenhe-se para que a sua relação seja amorosa, dando frutos. Formar o coração implica construir desde o interior, trabalhar desde o fundamento, o que para Kierkegaard tem a acepção de edificação.

O tu deves amar é realizado essencialmente pelo amor espiritual, o amor que se dirige ao próximo, que é todo e qualquer homem, e por isso mesmo é o amor livre, que não está preso em representações de como deveria ser o objeto, mas simplesmente se põe em movimento amando por meio da abnegação.

Para o pensador dinamarquês este amor é capaz de edificar a vida humana. O amor espiritual, que determina o outro como espírito, que vai ao fundamento, isto é, relaciona-se com a base ontológica do humano, que é a eternidade, construindo a partir daí. Edificar segundo Kierkegaard é construir para o alto a partir de fundações, então, este amor que vai ao fundamento e estende-se ao outro é o amor que edifica.

Na verdade, Kierkegaard põe que *“a edificação é exclusivamente característica do amor”*⁴⁷, falando no sentido espiritual. Isso implica dizer que todo trabalho amoroso deva ser feito a partir de fundações. O amor que não está fundamentado desde suas bases é o amor fraco, baseado em inclinação, na predileção, o que faz com que este amor seja conduzido pela exterioridade; o amor dependente do objeto torna as relações superficiais, na medida em que dura somente enquanto durar a predileção. Só o amor espiritual, amor enquanto dever tem a possibilidade de edificar a vida humana.

A existência humana, como a própria filosofia de Kierkegaard indica⁴⁸, é assolada de adversidades e dificuldades que cada homem enfrenta ao longo de sua vida. Assim, cabe perguntar, qual seria a base capaz de suportar todo o edifício humano? De outra maneira, o

⁴⁷ Cf. Søren Kierkegaard, *As obras do amor*. p. 244

⁴⁸ Cf. Migalhas filosóficas (1979), Ponto explicativo de minha obra como autor (1859), Temor e tremor (1979) e Desespero humano (1979).

que pode possibilitar ao ser humano colocar-se de maneira autêntica perante a existência? Para Kierkegaard a resposta é o amor:

Mas qual é, no domínio do espírito, a base ou a fundação da vida espiritual que tem de suportar o edifício? É justamente o amor; o amor é a fonte de todas as coisas, e no sentido espiritual o amor é o fundamento mais profundo da vida espiritual. Em cada ser humano em que há amor, está implantada, no sentido espiritual, a fundação. E o edifício que, no sentido espiritual, deve ser erguido é outra vez amor; e é o amor que edifica. (KIERKEGAARD. 2012. p. 247)

Mesmo na diferença o amor parte da igualdade. O amor é aquilo que unifica a multiplicidade, torna semelhante o diferente. A igualdade humana não como massificação, fechando-se em uma mesma ideia, mas o tu agindo através da abnegação. Dentro deste movimento do amor Kierkegaard firma como decisivo a abnegação do tu. Neste ponto o pensador exaspera:

É uma característica da infância o dizer “quero para mim”, “para mim” – “para mim”; a característica da juventude está no dizer “eu”, e “eu”, e “eu”; a característica da maturidade e da consagração ao eterno é o querer compreender que o “eu” nada tem a significar se ele não se torna o “tu” para o qual a eternidade incessantemente fala e diz: “Tu deves”, “tu deves”, “tu deves”. (KIERKEGAARD. 2012. p. 113)

A espiritualidade traz ao ser humano outra dimensão além do imediato. Além do eu, existe o outro, que determinado espiritualmente é visto como próximo. Além do meu querer existe o outro com a sua exigência de alteridade, sendo o diferente. O amor irrompe como sendo a ligação do eu para o outro, do si mesmo para com o diferente. A abnegação possibilita esta ligação pois ela deixa de lado as diferenças na relação amorosa. O dever aponta a tarefa de colocar-se no eterno para que o amor possa ligar os diferentes e assim edificar a existência humana.

Mas essa edificação vem quando na ação amorosa, *“aquele que ama pressupõe que o amor está presente no coração da outra pessoa, e justamente com essa pressuposição ele edifica nela o amor a partir do fundamento (...)”* (KIERKEGAARD, 2012. p. 248). A pressuposição indica o ponto de partida e o ponto de chegada que são o mesmo, a saber, o amor. O amor de quem se põe como agente na relação amorosa, o tu, e o amor do outro desta relação, o próximo, que também é agente na prática, pois há a reduplicação da identidade. A pressuposição implica na igualdade dentro da diversidade, isto é, por mais que a mundanidade faça dos homens distintos entre si, existe a razão que os coloca como semelhantes, a razão causadora de toda a existência, Deus, que é amor.

Portanto, o amor está pressuposto em todo homem, enquanto criatura. O amor humano advém do amor de Deus, isto é, o amor está colocado no fundamento de toda

existência humana. Porém, como vive no oculto, e o ser humano está habituado a responder ao imediato, ele acaba por ser esquecido ou tido como difícil de acontecer. Para ele vir à tona, enquanto ação produzindo obras existe todo um movimento em forma de tarefa, que já foi descrito no capítulo 1 e subcapítulos anteriores, e que cabe sempre lembrar:

Nossa tarefa está então definida; o discurso não se dispersa nos detalhes e na multiplicidade; ele não começa de maneira confusa por algo que de modo totalmente arbitrário precisaria interromper em algum lugar para poder enfim terminar; não, ele se concentra e concentra a atenção sobre o essencial, sobre o que é sempre igual em toda multiplicidade das coisas; o discurso permanece do início ao fim um discurso sobre o amor, justamente porque o edificar é a determinação mais característica do amor. (KIERKEGAARD, 2012. p. 247)

O amor aparecerá sempre como tarefa, dentro do pensamento kierkegaardiano, para que justamente não seja esquecido todo o movimento intrínseco à existência enquanto o *tornar-se*. Como foi visto mais acima não existe um ponto onde termina a tarefa pois ela está colocada constantemente na vida de cada ser. Afinal, o amor enquanto prática do dever é expansivo, ama ao próximo que é todo e qualquer homem, e a cada próximo que ama, coloca-se como novo, realizando uma maneira nova de amar a um ser humano diferente.

O amor não muda a cada vez que se dá, o que transforma-se é a relação para consigo próprio e para com o mundo, do ser que exerce o amor. O amoroso fortalece sua existência na medida em que a fundamenta. O ser humano que põe-se na tarefa e a partir de então é capaz de edificar a existência pois constrói a partir da fundação espiritual, que é o amor. O amoroso que concretiza sua ação através da abnegação, que portanto não busca o alcance de seus interesses egoístas. Kierkegaard nos diz:

O amoroso trabalha com muita calma e solenidade, e no entanto as forças da eternidade estão em ação; humildemente, o amor se faz mais desapercibido justamente quando mais trabalha, sim, seu trabalho é como se não fizesse nada. Ai, para a agitação e a mundanidade isso corresponde à maior das tolices: dizer que num certo sentido, o simplesmente não fazer nada deva ser o trabalho mais difícil. E no entanto, tal é o caso. Pois é mais difícil dominar o seu ânimo do que capturar uma cidade, e mais difícil edificar como o amor o faz do que executar a mais incrível das obras. E se já é difícil em relação a si mesmo dominar o seu ânimo, quanto mais difícil o será, em relação a uma outra pessoa, aniquilar-se inteiramente a si mesmo, e não obstante fazer tudo e sofrer tudo! E se de resto deve ser difícil começar sem pressuposições, verdadeiramente a mais difícil das tarefas é começar a edificar pressupondo que o amor está presente e terminar com esta mesma pressuposição; todo o trabalho que alguém faz é assim previamente reduzido a nada, na medida que a pressuposição do início ao fim é a auto-abnegação, ou que o construtor permanece oculto e como que inexistente. (KIERKEGAARD, 2012. p. (s). 249 - 250)

Não é fácil colocar-se na tarefa. O ser humano está habituado a agir e esperar o reconhecimento dos outros, se não o tem, considera seu trabalho em vão e as pessoas que não o reconhecem são tidas como ingratas. Sob este ponto de vista, a tarefa é essencialmente ingrata. Logo que este amor é realizado através da abnegação, o que é essencialmente colocar-

se distante de algum reconhecimento. O amoroso age pressupondo amor e desta maneira, “*ele favorece a eclosão do bem, ele faz crescer com amor o amor, ele edifica*”. (KIERKEGAARD, 2012. p. 248)

Desta maneira, com a condição do amoroso de ter que pressupor amor, este (o amor) é trazido enquanto doação, enquanto ato livre. O amoroso apenas pressupõe que no outro o amor também está presente, e partir daí constrói. Ele não faz nenhuma exigência. Da maneira como o outro se apresenta, o amoroso pressupõe o amor. O próximo é digno de ser amado como ele é, sem nenhuma representação. Se fosse o contrário, se o amoroso tivesse que julgar o próximo para colocá-lo como digno ou não de amor, não haveria relação amorosa, não existiria o amoroso, pois “*aquele que julga que falta amor à outra pessoa, retira as fundações – ele não pode edificar*”. (KIERKEGAARD, 2012. p. 251).

O amor coloca-se essencialmente como ético na medida em que a auto-abnegação se põe imediatamente na relação amorosa para o outro, pois o si mesmo não é tido como o centro da ação, isto é, a ação amorosa não se fecha sobre si mesma. O amor ético (ou amor crístico, pois Kierkegaard põe o *crístico* como sendo fundamentalmente o ético) é aquele que está imediatamente na tarefa: enquanto torna si próprio, realiza-se fundamentalmente na ação que se estende ao próximo.

Eis porque o presente trabalho iniciou-se com a questão da superação da multidão e do tornar-se indivíduo, para que primordialmente esta condição humana fosse lembrada. O ser que busca fazer a si próprio, submerso na diversidade mundana, quando paralelamente é um ser de relação e que de maneira imediata está colocado em face do outro. Para que possa ser para o outro, o si mesmo tem que está colocado para si, não de forma estática, como um eu terminado, mas com sua interioridade determinada.

As noções que a multidão indica devem ser deixadas de lado para que se viva na concretização do amor ético. Na multidão o ser humano é determinado como massa, agindo de maneira irresponsável quando não coloca-se como determinado espiritualmente, ou seja, suas ações são tidas como exteriores a si, o indivíduo que ainda não se tem e por isso guia-se pelo que lhe é imposto. Já no tornar-se indivíduo, o homem está atento para seu sentido espiritual, agindo com sua interioridade, desenvolvendo sua consciência interior.

Assim, é necessário que os indivíduos tenham a sua realidade fixada, para que no seu interior estejam “*de acordo consigo sobre o que são ou o que querem ser*”⁴⁹ pois o indivíduo firme com a sua individualidade, pode colocar-se para o outro, através da prática do amor. O

⁴⁹ Cf. Søren Kierkegaard, *As obras do amor*, 2012. p. 194

amor enquanto dever é o amor ético, que vai ao fundamento da existência, edificando-a. O amor ético que nos põe de maneira imediata na tarefa, árdua tarefa de relacionar-se com os outros, os diferentes. Por conseguinte, a condição humana do amoroso é de ser para o outro, pois o amor tem como característica colocar-se para o outro numa entrega que só a abnegação pode proporcionar. Os frutos podem vir dessa relação amorosa que edifica a existência humana. No subcapítulo seguinte, determina-se a condição humana que o amor dar, que é a de ser para o outro, na realização da tarefa.

2.3.2 *Ser para outro*

Se o amoroso é aquele que pressupõe que o amor está presente no outro – e só assim ele pode ser considerado amoroso – percebe-se que a condição de amoroso está essencialmente em ligar-se ao outro. Kierkegaard põe que o amor “*não é uma qualidade dada por ela mesma, mas uma qualidade pela qual (ou na qual) tu és para outros*”. (KIERKEGAARD, 2012. p. 255) O amor jamais se fecha sobre si mesmo, pois como já foi demonstrado, o dever vem justamente para arrancar o egoísmo do ser humano. A relação amorosa implica em está com o outro, amando o próximo que ele é, independente das diferenças que poderiam afastá-lo, o amoroso pressupõe que ali há amor e assim constitui a relação.

O outro dentro do pensamento de Kierkegaard trata-se do próximo, aquele que se coloca de maneira imediata na existência. O outro é o diferente, que se coloca como ele é; cabe ao amoroso empreender a relação. Kierkegaard nos diz que o amor deve ser empreendido ao homem que se vê, ao próximo que se apresenta na sua maneira singular de existir, eis a dificuldade que segundo Kierkegaard se põe do seguinte modo:

Mas há uma mania de criticar que constantemente como que trabalha contra o amor e quer impedi-lo de amar o que ele vê, na medida em que esta mania de criticar, insegura no olhar e contudo num outro sentido tão meticulosa, volatiza a figura real ou se choca contra ela e então ardilosamente exige ver alguma outra coisa. (...) Mas também se pode, pela maneira de ver, tornar vacilante ou irreal a forma da outra pessoa, pois o amor que devia amar a pessoa que vê não consegue decidir-se direito: mas ora ele quer eliminar um defeito no objeto de seu amor e ora quer acrescentar-lhe uma perfeição, como se - se me fosse permitido dizer - a compra não tivesse bem fechada. Mas aquele que em seu amor se inclina tanto a criticar e chicanar, não ama a pessoa que vê, e facilmente torna para si mesmo desagradável o seu amor, assim como o faz incômodo para a pessoa amada. (KIERKEGAARD, 2012. p. 194)

O outro é o homem real, aquele que aparece em sua maneira própria de existir, com todas as características que tornam alguém difícil de ser amado, imperfeições, diferenças. O

amoroso não está para criticar ou para julgar se alguém é digno de receber amor ou não. Sua tarefa não é aperfeiçoar o outro que ele considera imperfeito e por isso acha que deve acrescentar perfeição ou eliminar defeito. A tarefa está colocada de maneira simples e direta: “tu deves amar ao próximo”, ao ser humano que se vê, ao ser humano real. Se fosse de outro modo, se para amar o “tu” tivesse que esquadrinhar o próximo, o amor não aconteceria, pois sempre se encontraria um defeito a ser extirpado, um ajuste a se fazer. Por isso, a tarefa é imediata e vem enquanto amor que tem como essencialidade ser para o outro.

O amoroso não coloca representações no outro, não exige perfeições que este deva alcançar para que o amor seja praticado, e também não se leva pelas imperfeições e falhas, do contrário, “*o sério consiste em justamente em que a própria relação queira com forças somadas lutar contra o que há de imperfeito, superar o defeituoso, afastar a divergência*”. (KIERKEGAARD, 2012. p. 196). A relação amorosa está posta para somar, para edificar a existência, e por isso mesmo as falhas do outro não devem ser colocadas como empecilhos para a relação, do contrário, se o amor existe ele contribui com outro. Kierkegaard ressalta:

Não, se um homem deve cumprir o dever de no amor amar os homens que ele vê, então é preciso que não apenas encontre entre os homens reais aqueles a quem amará, mas é preciso eliminar toda ambiguidade e toda mania de criticar ao amá-los, para em seriedade e verdade amá-los como eles são, para em seriedade e verdade assumir a tarefa de achar amável o objeto (...). (KIERKEGAARD, 2012. p. 196)

O amor que ama o ser humano que vê é ilimitado, pois não se agarra a uma característica particular da pessoa, este amor é “*inalterado, por mais que o objeto se altere*⁵⁰”, seu propósito está em empreender a tarefa. Aqui é importante retornar as diferenciações do amor. O amor puramente humano, baseado no egoísmo, busca encontrar enquanto objeto a perfeição. Já o amor cristão *deve* amar o homem que vê, o homem real que não é perfeito. A deficiência do primeiro consiste em não querer manter relação caso suas representações de perfeição não sejam atingidas; na medida em que o outro (objeto do amor) demonstrar suas falhas e fraquezas, o amor puramente humano modifica-se e afasta-se levando junto consigo a ideia de perfeição que construiu.

A fraqueza da relação não se deve por conta das imperfeições que o outro possui, mas na própria fraqueza do amor que não consegue amar o homem que vê, da maneira como se vê, com suas falhas e imperfeições. Mas aqui, ao chegar neste ponto da discussão, já está-se na prática do amor, que tem como desígnio o amor ao próximo, este que é o homem real, aquele que se vê de maneira imediata, que só o amor cristão provoca. Por isso, segundo Kierkegaard, este amor possui todas as perfeições, pois o próximo não tem as perfeições que

⁵⁰ Cf. Søren Kierkegaard, *As obras do amor*, 2012. p. 197

se exige para amar, e “*é justamente por isso que o amor ao próximo tem todas as perfeições*”. (KIERKEGAARD, 2012. p. 87). Não é o outro que tem que ser perfeito para que a relação aconteça, mas é o amor que se aperfeiçoa quando ama o imperfeito, o fraco, aquele que o puramente humano desmerece.

Assim, o amor cristão se põe essencialmente como o amor ético, quando se apresenta como dedicação ao outro. O “eu” e o “outro” são colocados como iguais e por isso as diferenças são abolidas. Eles somam em uma totalidade e não são partes opostas que se colocam em disputa. Como Kierkegaard afirma:

(...) o amor é uma alteração, a mais estranha de todas, mas também a mais desejável – dizemos, afinal, no melhor sentido da palavra, que uma pessoa tomada pelo amor está alterada, ou fica mudada; o amor é uma revolução, a mais profunda de todas, porém a mais feliz! Ele traz uma confusão, e nesta bendita confusão não há para os amantes nenhuma distinção entre Meu e Teu! (KIERKEGAARD, 2012. p. 300)

A pessoa que realiza o amor passa por uma transformação. Sua relação consigo, com o outro, com o mundo, ganha um novo sentido, a saber, o sentido amoroso. Isto já foi visto antes neste trabalho; trata-se da transformação da eternidade, que faz do amor um dever, para que assim ele esteja colocado imediatamente na tarefa. A eternidade livra o amor das noções puramente humanas, para que deste modo ele esteja livre em realizar a sua essencialidade. Pode-se definir o ato de amar como sendo a entrega ao outro.

Kierkegaard coloca o amor de maneira radical na existência, isto é, põe o amor com uma revolução. Sem dúvida, a maior revolução que ele causa é a aniquilação do egoísmo no ser humano, para a partir daí a abnegação poder agir. A abnegação é a condição crucial para que o amor cristão exista e justamente, porque este amor, não busca seu interesse próprio. Assim, está colocada a condição deste amor:

O amor não procura o seu interesse. Pois o verdadeiro amoroso não ama sua característica peculiar, ele ama, ao contrário, cada pessoa segundo a característica particular dela; mas “sua particularidade própria” é justamente para cada um o que lhe é próprio, assim, o amoroso não procura o seu interesse; exatamente ao contrário: ele ama o que é próprio do outro. (KIERKEGAARD, 2012. p. (s) 303-304)

Assim, a igualdade humana defendida em Kierkegaard se salva de uma possível ideia de massificação ou universalização que tornaria o ser humano distante de tornar-se indivíduo, pois cada ser tem sua particularidade, individualidade própria. O amor não procura o que é seu, pois quem age neste amor é a abnegação. O amor ético ultrapassa a ideia de que o amor seja troca, pois a troca indica separação entre os sujeitos que a opera. A radicalidade do amor é justamente abolir a distinção entre “*Meu e Teu*”, estes que são termos de uma relação de

oposição. “*Como se apaga então inteiramente a distinção Meu e Teu?*”⁵¹ Uma questão um tanto perturbadora, principalmente para o egoísmo, que se agarra a essas distinções para enaltecer a si mesmo e excluir o outro. Porém, no amor ético a resposta a esse problema não tarda a surgir: somente “*para o amor feito de renúncia a determinação do “Meu” se apaga inteiramente, e a distinção Meu e Teu fica totalmente abolida*”. (KIERKEGAARD, 2012. p. 302). É importante lembrar que Kierkegaard está o tempo todo tratando as coisas em um sentido espiritual.

Caso tenha a certeza de ter um eu, se a consciência interior é certa de que a minha individualidade está posta (e sempre sendo colocada, pois afinal o tornar-se indivíduo é um processo ao longo de toda existência), nada posso perder ao me dedicar para o outro, já que minha existência está fundamentada no eterno, desta maneira, estando edificada.

O amor espiritual é dom de si em sacrifício; é o amor que tem Cristo como exemplo, quando ele viveu “*dedicando-se a todos, a fim de que todos pudessem assemelhar-se a ele naquilo que lhe era próprio, no dom de si em sacrifício*” (KIERKEGAARD, 2012. p. 298) O próprio do Cristo era a doação ao outro. Amor como dom de si, amor que se relaciona enquanto doação ao outro, sem exigir reciprocidade, apenas amando. Quando o eu, a característica particular está ancorada na eternidade, e só assim segundo Kierkegaard, o eu subsiste, a condição de ser para o outro pode encontrar o caminho da prática. Kierkegaard exaspera:

Para aquele que tem seu caráter próprio, o caráter próprio de um desconhecido não constitui uma refutação do seu, antes é uma confirmação, ou uma demonstração a mais em seu apoio; pois não pode perturbá-lo a evidência do que ele já acredita, que cada um tem o seu caráter próprio. Mas para a mesquinha, todo e qualquer caráter próprio constitui uma refutação; ela experimenta uma angústia úmida e inquietante ao ver um caráter próprio desconhecido, e nada lhe é mais importante do que afastá-lo. (KIERKEGAARD, 2012. p. 307)

Assim, o ser humano é colocado em uma totalidade onde “*não existe nenhuma oposição*”. (KIERKEGAARD, 2012. p. 302) O outro com seu caráter próprio só confirma o eu mesmo, jamais em um sentido egoísta, mas como portador da sua individualidade. A particularidade do outro só engrandece o amor que é capaz de se flexibilizar para se expandir em direção ao outro, buscando o que não é seu, pois este amoroso acredita “no seu próprio” e assim busca acreditar no próprio do outro. Por isso a importância do tornar-se indivíduo para a temática do amor em Kierkegaard. Na verdade toda sua obra tem como instância primordial o indivíduo na medida em que, tornar-se indivíduo é estar diante de Deus. Este trabalho não poderia começar de outro ponto senão este: primeiro, fundamentar a existência própria,

⁵¹ Cf. Søren Kierkegaard, *As obras do amor*, 2012. p. 301

buscando seu caráter próprio, a sua individualidade, para em seguida lançar-se ao outro enquanto indivíduo. Nas palavras de Kierkegaard, começa-se pela fonte e origem. Assim diz ele sobre o ser que teve a coragem de “*ser si mesmo diante de Deus*”:

(...) pois a ênfase está neste “diante de Deus”; já que esta atitude é a fonte e a origem de todo o caráter particular da pessoa. Quem teve esta audácia tem um caráter individual; ele veio a saber o que Deus já lhe tinha dado; e ele crê exatamente bem do mesmo jeito no caráter particular de cada um. Ter caráter individual, é crer no caráter individual de cada um dos outros; pois o caráter individual não é coisa minha, é um dom pelo qual Deus me dá o ser, e ele o dá aliás a todos, e a todos Ele dá o ser. (KIERKEGAARD, 2012. p. 306).

O diante de Deus em Kierkegaard é colocar-se como indivíduo, assumindo existencialmente toda a responsabilidade de ser o que é, ou seja, criatura, que tem um eu de relação⁵². A mais íntima das relações é aquela estabelecida com o poder que o criou, que “*só pertence à interioridade oculta do homem, à natureza incorruptível do espírito quieto*”⁵³, ou seja, só pode ser realizada no íntimo de cada ser, esforçando-se para ser o si mesmo enquanto dom recebido. Importante ressaltar que para este movimento o menos importante é a adesão a uma religião ou a frequência em uma igreja, mas a fé é o necessário. Crer no Cristo para realizar o Crístico, que é, segundo Kierkegaard, o verdadeiro ético.

O amor ético é realizado centrando-se no que há de mais real, que é o outro, a determinação do próximo, possuidor de seu próprio caráter individual. Desta maneira, o amoroso não sente necessidade em coagir o outro para sua própria forma, mas agindo através da abnegação, “*ele se compreendeu eternamente a si mesmo ao amar sacrificando-se, ou seja, compreendeu-se no sacrificar-se*”⁵⁴, pois não é o seu interesse pessoal que determina a relação, mas sim a determinação do próximo, que deve ser amado.

Mas, o que, no final das contas, o amoroso tem a ganhar? Primeiro é fundamental ressaltar que o amor ético é o amor do sacrifício, aquele que ama através da abnegação, e amando assim, nada se exige em troca, não há garantia alguma de reciprocidade. O que o amoroso faz pelo outro, é exatamente aquilo que ele faz por si, isto é, o ajuda a tornar-se mais si mesmo. Porém, esta ação não é exercida para que seja reconhecida, pelo contrário, o amoroso age silenciosamente; Kierkegaard compara seu trabalho (do amoroso) ao trabalho silencioso da natureza, que cria, transforma, se doa:

Por isso, só podemos comparar este edificar do amor com o trabalho oculto da natureza. Enquanto o homem dorme as forças da natureza não dormem nem de noite nem de dia; ninguém se pergunta como é que elas aguentam – enquanto todos se deleitam com o encantamento do prado e com a fecundidade dos campos. Assim se

⁵² Cf. Søren Kierkegaard, *Desespero Humano*, 19979. p. 195

⁵³ Cf. Søren Kierkegaard, *As obras do amor*, 2012. p. 164

⁵⁴ Cf. Søren Kierkegaard, *As obras do amor*, 2012. p. 303

comporta o amor: ele pressupõe que o amor esteja presente como o germe no grão; e se ele consegue lhe fazer crescer, ele então se oculta como estava oculto quando trabalhava da manhã à noite. Mas tal é justamente o edificante na natureza: tu vês todo este esplendor; e então isso te arrebatava edificando quando te pões a pensar no quanto é estranho que tu não vejas aquele que produz tudo isso. (KIERKEGAARD, 2012. p. 250)

A pressuposição do amoroso de que o amor está presente é o máximo que um indivíduo pode fazer pelo outro. Se ele parte desse pressuposto sua ação é amorosa e a responsabilidade está posta. Responsabilidade de, sabendo de sua condição de si próprio, ajudar o outro a exercer sua característica particular, mas jamais julgando, achando que sua ação deve podar o outro, mas sim, simplesmente amando, pressupondo amor.

A ação ética reside em ter uma conjuntura entre pensamento, discurso e ação⁵⁵. Para Kierkegaard a ética só pode ser realizada quando o ser humano se põe enquanto indivíduo, tornando-se assim responsável por si, pois coloca sua existência no âmbito da verdade. Neste sentido, enquanto ação, nada mais ético do que o amor pois o amor só é quando realizado, isto é, agindo. Palavras, intenções não são suficientes para demonstrar amor, como foi já exposto, é necessário a expressão do amor por meio de obras:

O que o amor faz, ele o é; o que ele é, ele o faz – e num único e mesmo momento: no mesmo instante em que ele sai de si próprio (rumo ao exterior) ele está em si próprio (rumo ao interior); e no mesmo instante em que está em si próprio ele sai com isso de si próprio, de tal modo que essa saída e esse retorno, esse retorno e essa saída são o simultâneo um e o mesmo. (KIERKEGAARD, 2012. p. 316)

A condição de ser para o outro só fortalece o amor; na medida em que se coloca para o exterior em direção ao outro, o amor demonstra sua força interior, sua fundamentação no que há de mais seguro, a saber, a eternidade, já que este amor é aquele enquanto dever. O amor é enquanto expressão, isto é, na medida em que se põe em movimento, na medida em que faz da condição do homem de ser para o outro, realizando-se. Para que serve afinal o amor na existência humana? Kierkegaard nos afirma que o amor é o que sustenta a existência, na medida em que está colocado como o vínculo da eternidade. O amor serve para igualar os seres humanos, todos na mesma condição de relacionar-se com o eterno.

Em uma época em que se fala tanto no diferente, em alteridade, o amor enquanto dever serve para lembrar que deve ser praticado na diferença, realizado com o outro, apesar de todas as imperfeições deste. Em tempos de intolerância, falar sobre a condição do humano de ser de relação (ser para o outro) é no mínimo um lembrete para o respeito, pois estão todos em uma partilha, da mesma condição de ser, do mesmo mundo. Desta maneira, em Kierkegaard, o amor serve para a prática da ética. O amor é o elo que aproxima os homens, que fortalece as

⁵⁵ Cf. Søren Kierkegaard, Ponto explicativo de minha obra como autor. 126.

relações. O “*tu debes amar o próximo*”, é a conexão de toda existência. O amor, estando no fundamento de toda existência é o que possibilita a firmeza desta, pois ele tem como característica a edificação, a fundamentação. Kierkegaard deixa claro que a vivência do amor não é de fácil empreendimento (portanto não se trata de uma visão ingênua), pois ela é dificultada principalmente por conta das diferenças de cada existente. Mas Kierkegaard nos lança em um apelo que expõe a necessidade humana de ser para o outro, como Almeida (2005) esclarece:

Ser para os outros, na atual civilização da descartabilidade e das relações superficiais, representa a cura da verdadeira doença mortal. A ausência de afinidades profundas e verdadeiras entre os homens nos reduziu a multidões de homens sós: sós na fragilidade, sós na busca, sós no sofrimento, sós na solidão, inteiramente sós em uma vida pobre e vegetativa, e que é em essência a negação da existência e do projeto que foram confiados ao homem. (ALMEIDA, 2005. p. 283)

Ser para o outro pode ser definido como a expressão da ética em Kierkegaard, é onde transborda o acúmulo de si mesmo, pois a consciência interior que faz com que cada existente se ponha no caminho do tornar-se indivíduo, não tem seu fim em um enclausuramento que isola, mas, do contrário, sua expressão se dá para o próximo, na relação, na prática. Desta maneira, a responsabilidade se coloca para cada existente, em uma tarefa constante consigo próprio e com os outros. De que maneira essa relação ocorrerá? Cabe a cada indivíduo decidir, afinal, mesmo quando fala da necessidade, Kierkegaard enfatiza que tudo está inserido no âmbito da possibilidade, e só poderá ter início o movimento a partir da decisão interior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras do amor demonstram, tratando de concepções cristãs, em um sentido espiritual, que Kierkegaard se atentava para a realização da existência enquanto uma prática que visa o tornar si próprio, sendo este, primordialmente o exercício da interioridade em face do outro e de Deus. Ainda que se preste às ideias metafísicas, em toda obra do pensador dinamarquês percebe-se sua ocupação com a concretização destas ideias. O pensador sempre se ateve a análises existenciais de concepções que poderiam ser consideradas distantes da vida humana.

A temática do amor em Kierkegaard revela a dinâmica da existência em sua obra. O amor está profundamente enraizado no ser humano, na medida em que a carência que lhe afeta o impele a buscar por companhia. O amor é o que sustenta a existência humana, afinal de contas, Deus é amor, e é desta maneira que Kierkegaard fundamenta o amor.

A relação amorosa é a excelência da prática ética, dentro do pensamento de Kierkegaard, é a relação mais autêntica que pode ser empreendida. Isto porque o amor enquanto dever é por essência o amor de abnegação, aquele que não busca seu interesse próprio, não age a partir de predileção. Somente desta maneira, segundo Kierkegaard, o outro pode prevalecer, superando o egoísmo, que é fundamentalmente o estorvo para a ética.

Kierkegaard torna a ética dependente da instância individual: é necessário ter a lei da existência na interioridade para que esteja verdadeiramente colocada da maneira mais concreta. A interioridade para Kierkegaard trata-se da relação pessoal com Deus, que se dá, não por meio de adesão à religião em um sentido exterior, mas primordialmente pela vivência do si mesmo que é o ser que Deus dá a cada um. Vivenciá-lo é manter-se em relação íntima consigo próprio e com Deus, além de ser a base para uma relação autêntica com o outro.

O ápice da vivência do si mesmo é a concretização da abnegação diante do outro. Depois que a consciência interior do indivíduo está certa de seu caráter próprio, o outro passa a ser encarado enquanto semelhante pois ele também possui seu caráter próprio que deve ser vivido. Kierkegaard estabelece que ajudar o outro a vivenciar o si mesmo é o máximo que um indivíduo pode fazer por outro. Mas, como foi visto, esse é um trabalho silencioso e é o amor que realiza, quando o amoroso pressupõe que o amor está presente no outro. Desta maneira, nosso trabalho tem a seguinte divisão:

No primeiro capítulo intitulado “O tornar-se indivíduo” destaca-se a tomada da individualidade na obra de Kierkegaard. É traçada uma trajetória que parte da superação da multidão, passando pela elevação de consciência interior chegando até no indivíduo enquanto si mesmo. Mas sempre ressaltando que este movimento trata-se de um processo e que não há um momento que determina sua conclusão.

No segundo capítulo denominado “A prática do amor”, o amor aparece enquanto relação ética. Na verdade Kierkegaard define unicamente o amor, enquanto dever, como a relação ética por excelência, pois é o amor que possibilita pensar o outro, o diferente enquanto o semelhante. Ao tratar do amor, o pensador dinamarquês faz as diferenciações entre o amor poético ou amor natural e o amor enquanto dever que é o amor espiritual, o amor ético. O amor poético é o amor puramente humano, preso nas predileções, isto é, agindo pelo egoísmo. Este amor, para Kierkegaard, jamais poderá alcançar a intimidade do outro. Já o amor enquanto dever é o amor ético por excelência, é o amor transformado pela eternidade e desta maneira, tem o outro como próximo, pois o determina pelo espírito. O amor assim é posto como prática que não fecha-se em si mesma mas que está a todo momento colocada como tarefa realizável com o próximo.

Assim, diante do exposto, o presente trabalho é uma tentativa de mostrar a importância da individualidade em toda obra kierkegaardiana. É a individualidade que possibilita a vivência da verdade, e só a partir daí é possível a concretização ética. O amor aparece aí como a fundamentação da existência, isto é, a individualidade ancorada no amor

(que advém do eterno), é capaz de alcançar o próximo em uma relação amorosa autêntica, que para Kierkegaard é o motor da existência ética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jorge Miranda de. A categoria do edificante na construção da ética segunda em Kierkegaard. In: Filosofia Unisinos, 6(3):278-294, (278 – 294). Setembro/Dezembro de 2005. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/6366/3509>. Acessado em 01 de abril de 2016.

CAES, Valdinei. **A Concepção de Indivíduo Segundo Kierkegaard**. Publicado em Anais do VII Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar (2011). p. 446. [Recurso Eletrônico]. Disponível em <http://www.ufscar.br/~semppgfil/wp-content/uploads/2012/05/valdineicaes.pdf>. Acessado em: 04 de março de 2016.

CORETH, Emerich. Deus no pensamento filosófico. São Paulo: Loyola, 2009.

GOUVEIA, Ricardo Quadros. **Paixão pelo paradoxo, uma introdução aos estudos de Søren Kierkegaard e de sua concepção da fé cristã**. São Paulo: Fonte editorial, 2006.

KIERKEGAARD, Søren A. **As Obras do Amor**: algumas considerações cristãs em forma de discurso. Tradução de Álvaro L.M. Valls. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. 1813 – 1855. **Migalhas filosóficas, ou, um bocadinho de filosofia de João Clímacus**. Tradução de Ernani Reichman e Álvaro Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. **O Conceito de Angústia**. Tradução: Eduardo Nunes e Torrieri Guimarães. Hemus, 2007.

_____. **O desespero Humano.** Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores)

_____. **Ponto de vista explicativo da minha obra de escritor.** Tradução: João Gama. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1859.

PINZETTA, Inácio. **A repetição como movimento para frente. A nova categoria.** In: Søren Kierkegaard no Brasil: Festschrift em homenagem a Álvaro Valls / Deyve Redyson, Jorge Miranda de Almeida, Marcio Gimenes de Paula (Organizadores). João Pessoa: Idéia, 2007.